

1972

" SÔBRE A MEDICINA DE PARACELSO "

TESE DE DOUTORAMENTO

MARIA AMÉLIA MASCARENHAS DANTES

Meu agradecimento
ao Prof. Eurípedes S.Paula
pelo apoio sempre presente.

Introdução

No texto " Ignatius his conclave " de John Donne, escrito por volta de 1614, o poeta penetrando nas profundezas do Inferno vê Lúcifer receber pretendentes à permanência em salas especiais, próximas da moradia do próprio Lúcifer . Esta pretensão deve ser justificada : somente pessoas que tiveram títulos ; que se esforçaram por alguma inovação em sua vida, com que afrontaram toda a antiguidade e induziram a dúvidas, ansiedades ; que provocaram controvérsias tão ruidosas que a verdade se perdeu ; somente estas pessoas têm direito a este privilégio . O poeta presencia a disputa por três pessoas : Copérnico, Paracelso e Maquiavel, que são ouvidos por Lúcifer . Paracelso apresenta-se como um ministro de Lúcifer : com suas inovações baseadas em experimentos imperfeitos e incertos era fácil agora administrar venenos, sem que se percebesse (1). A que Lúcifer responde:

" It must be confessed, that you attempted great matters, and well becomming a great officer of Lucifer, when you undertook not onely to make a man, in your Alimbicks, but also to preserve him immortall . And it can not be doubled, but that out of your commentaires upon the Scriptures in which you were utterly ignorant, many men have take occasion of erring, and thereby this kingdon much indebted to you " (2) .

Se bem que por este texto, escrito quase cem a nos após a morte de Paracelso, possamos ter uma idéia da fama por êle alcançada como renovador, o certo é que Donne apresenta Paracelso como ocultista, iletrado e mais do que isso um ministrador de venenos .

De certa forma, estas idéias de John Donne refletem as críticas que foram levantadas contra Paracelso, já mesmo enquanto vivo, por parte dos médicos galenistas , em reação às acusações violentas proferidas por Paracelso . No entanto, a verdade é que a figura de Paracelso permaneceu sempre envolta em mistério . Ainda no século passado, uma epidemia de cólera que se alastrou pela Áustria, foi seguida de uma peregrinação à tumba de Paracelso, em Salzburgo .

Porem, é no estudo da obra de Paracelso que se encontra o caminho para uma compreensão de Paracelso, homem renascentista e de sua pesquisa médica . É o que tentaremos neste trabalho .

Se bem que Paracelso tenha um grande número de obras essencialmente filosóficas ou teológicas, a ênfase será dada a uma análise dos seus textos médicos .

Esbôço biográfico

Paracelso viveu durante a primeira metade do século XVI . Nasceu em 1493, portanto dentro do período das grandes navegações, viveu as lutas religiosas que culminaram com a Reforma e morreu em 1541 . Seu nome de família era Aureolo Felipe Teofrasto de Hohenheim , tendo sido filho do médico Wilhem de Hohenheim .

Ele nasceu em Eisendeln, lugar de peregrinação próximo de Zurich, tendo-se trasladado já em 1502 para Villach . O pai de Paracelso em Villach, trabalhou para os banqueiros Fugger, como professor de Alquimia na escola das minas . Se com seu pai Paracelso teve o primeiro contato com a prática médica, a vivência destes anos passados nas minas de Villach marcaram-no profundamente : o contato com a arte de transformação dos metais e uma convivência com os mineiros, a cujas enfermidades Paracelso posteriormente iria dedicar um tratado .

Se os primeiros estudos formais de Paracelso parecem ter sido feitos nestes anos, a orientação que sua vida tomou logo depois não é bem conhecida . Alguns estudiosos acreditam na sua ida a Wurtzbourg afim de se tornar discípulo do abade Trithemius, ocultista voltado para a tradição cabalística (1) . Um ponto de relacionamento entre Paracelso e Trithemius, na verdade aparece por meio de Agrippa de Nettesheim que foi discípulo de Trithemius e que se aproximou bastante de Paracelso em alguns pontos de sua obra . Porem, é extremamente discutível esta ligação direta de Paracelso com Trithemius, e que mostraria uma

opção feita desde cedo no sentido de uma formação de adepto .

Certamente, no entanto, Paracelso iniciou de 1513 a 1517 as suas primeiras viagens, que iriam se tornar uma constante em sua vida . Nestas viagens êle andou atrás de todo tipo de conhecimento : junto a mulheres conhecedoras de ervas, servidores de banhos, ciganos, monges, camponêses . Peregrinou também por Universidades italianas : Ferrara, Pádua, Bolonha, tendo sido bem provavelmente aluno de Leoniceno, ferrenho anti-aristotélico e Ménard crítico da crença astrológica . Segundo Suddhof , pesquisador da vida e obra de Paracelso, recebeu o bacharelado em Verona (2) .

Por volta de 1515 Paracelso dispendeu aproximadamente um ano em Schwatz no Tirol, com Sigmund Fûger, onde aprendeu os mistérios da extração dos minerais e separação dos metais . Seguiu-se de 1517 a 1524 um período de viagens para a Holanda, Escandinávia, Prússia e Veneza que parecem ter sido realizadas como cirurgião militar . Este fato introduz um outro ponto controvertido, visto que durante a Renascença mantinha-se o costume herdado da Idade Média, de uma separação marcante entre a prática do médico e à prática do cirurgião . O médico tinha uma formação essencialmente teórica, erudita, enquanto que o cirurgião se limitava a prática de cirurgia e pequenas curas . Se realmente Paracelso, sendo médico, se dedicou ao trabalho de cirurgião militar isto mostra um desprendimento muito grande que o levou ao caminho da procura do conhecimento, onde quer que êle estivesse .

A verdade realmente é que os dados biográficos vão nos mostrando cada vez mais insistentemente um afastamento de Paracelso de sua classe de origem, filho de médico que ele era, e uma tendência a se relacionar com pessoas das classes sociais mais baixas .

Em Salzburgo, na sua estadia de 1524 a 1525, ocorreram as revoltas religiosas e camponêsas . Paracelso colocou-se a serviço do bando de Múnzer, conseguindo escapar por pouco da morte (3) .

Se bem que Paracelso tenha se recusado a tomar partido a favor da Reforma, mantendo-se ligado à Igreja Católica, sua posição era extremamente próxima da dos reformistas : uma crítica constante às cerimônias e ao Papado, uma ética que se aproximava da ética protestante .

Entramos já então na fase de culminação da vida profissional de Paracelso, que depois de ter viajado pela Lituânia, Boêmia, Morávia, Brandeburgo, Polônia, chegando mesmo a ir até Moscou, foi em 1527, chamado a Basiléia por amigos de Frobenius, o famoso editor de livros, que sofria de mal incurável, conforme os médicos .

Tendo conseguido curar Frobenius, este juntamente com o humanista Erasmo de Rotterdam, procuraram manter Paracelso em Basiléia, utilizando sua influência para conseguir-lhe o posto de médico municipal .

O cargo de médico municipal dependia da aprovação tanto da municipalidade que tinha o direito de designação e também da Universidade pois o médico nomeado recebia também uma cadeira de ensino . Em Basiléia, nesta época a

Universidade era reduto dos católicos, enquanto que a municipalidade estava nas mãos dos reformistas e entre eles Oecolampadius (4). Paracelso chegou em Basiléia na primavera de 1527 para ocupar uma posição que desde o início foi periclitante e pior do que isso, aos poucos, em vez de harmonizar as diferenças entre católicos e reformistas, tornou-as mais críticas .

Paracelso, espírito rebelde, fez questão de não manter qualquer relação com a Universidade : passando por cima de sua autoridade, publicou diretamente para os alunos o programa de seu curso . Entre outras afirmações proclamava :

" ... Quem não sabe que a maioria dos doutores contemporâneos fracassam porque estão escravizados aos preceitos de Avicena, Galeno e Hipócrates ... ?

O que o médico necessita não é eloquência nem saber sobre idiomas e livros, por mais ilustres que sejam, mas sim um conhecimento profundo da natureza e de suas obras .

... explicarei os livros que escrevi sobre cirurgia e patologia; ... Não os tirei das obras de Hipócrates ou Galeno ; em busca incessante eu os criei novos, baseados na experiência, o mestre supremo em todas as coisas " (5) .

A reação da Universidade se fez sentir não apenas porque a grande maioria dos médicos de então seguiam Galeno, mas também porque Paracelso convidara barbeiros e alquimistas para assistirem ao seu curso . Era necessário

manter o privilégio de que se revestiam os médicos .

Com a proibição, as aulas de Paracelso foram ministradas fora da Universidade . Suas aulas consistiam de patologia, terapêutica, farmacologia, clinica, intervenção cirúrgica (6), sendo que as aulas cirúrgicas eram ministradas em alemão . Consistiu um fato raro também a aprendizagem de prática cirúrgica, que normalmente não fazia parte da formação do médico .

A incumbência de inspecionar farmácias também acabou acarretando inimizades para Paracelso, que fiscalizava obsessivamente os boticários .

No dia de São João de 1527, na festa dos estudantes, Paracelso queimou simbolicamente textos médicos básicos nos cursos das Universidades da Renascença (7) . Neste gesto ele colocou todo o seu repúdio a uma formação médica dogmática, baseada em conhecimentos que vinham desde os gregos .

A morte de Frobenius em outubro de 1527 acabou pondo por terra o único trunfo de Paracelso tinha nas mãos. Uma polêmica venenosa o envolveu, na forma de panfletos espalhados por, Basiléia, contra " Carofrasto " . Por fim todo apoio acabou faltando a Paracelso que com prisão decretada teve que fugir furtivamente de Basiléia .

Na fase que se segue a Basiléia Paracelso colocou em livros as suas idéias médicas, já então elaboradas . De 1530 a 1534 sobressaem os livros do "Paragranum " e do " Paramirum " que contém os princípios de sua Medicina . Ao mesmo tempo foi numa fase de extremo sofrimento para Pa-

racelso que na sua constante peregrinação sempre encontrou barreiras nas cidades por que passava .

Sem parar muito tempo em alguma cidade, Paracelso perambulou por Esslinger, St. Gall, Nuremberg, Appenzell, Innsbruch, Ulm, Já então, por 1536, se bem que Paracelso continuasse produzindo obras médicas, sua preocupação voltava-se cada vez mais para o sobrenatural . A medicina passava a ser apenas estágio no caminho para o sobrenatural . Suas obras de 1537 a 1539 são extremamente misteriosas : são trabalhos herméticos e revelam o iniciado . A fúria com que mantinha suas opiniões em Medicina, aos poucos foi-se amainando : Paracelso desiludira-se com a prática médica .

Sua vida agitada e peregrina teve fim em Salzburgo, em 1541 .

A Medicina, da Antiguidade Clássica até a Renascença

A luta que Paracelso travou contra a medicina estabelecida de sua época, que êle procura superar com uma teoria e uma prática renovadas, torna necessária uma caracterização da medicina ensinada e praticada na Europa renascentista . As críticas de Paracelso são taxativas :

"o fato de que eu não vos acompanhe se deve simplesmente a que nem vosso estilo, nem vossa prática, nem o conhecimento que tendes das causas - perfeitamente errôneo - não nos convence em nada" (1).

Para uma caracterização da medicina no século XVI, porém, temos que buscar os seus elementos formadores na Grécia, visto que a prática médica mantinha-se essencialmente baseada sobre elementos da medicina hipocrática e galênica . O estudo será certamente seletivo pela orientação que lhe será dada, tendo-se em conta as preocupações essenciais da obra de Paracelso . Não serão consideradas as aquisições anatômicas das escolas gregas e medievais, visto que a obra de Paracelso volta-se especialmente para o estudo da Patologia e da Terapêutica . Êle não foi um anatomista, tendo mesmo se manifestado contrário à prática de dissecções, prática esta básica para a corrente anatomista do século XVI (Vesalius, Fabricius e Colombo são alguns dos seus elementos mais representativos) que posteriormente iria desembocar na obra de Harvey, sobre a circulação do sangue .

1 - A medicina pré-hipocrática

A medicina hipocrática é já a culminação de uma série de pesquisas que se desenvolveram concretamente entre os médicos da escola pitagórica e outras escolas itálicas .

O mais importante dos médicos da escola pitagórica foi Alcmeón de Crotona que viveu seu auge pelo início do século V A.C. . Deve-se a êle a introdução em medicina do conceito de Isonomia ou seja a harmonia perfeita de todas as substâncias, com suas qualidades, que compõem o corpo humano . A idéia de Isonomia apresenta-se como representativa de uma atitude naturalista, procurando ver na doença um processo natural, similar aos outros processos da vida normal : a diferença entre um homem doente e um são está na diferente condição dos constituintes do corpo humano . Esta concepção no entanto só se torna mais precisa com a introdução dos elementos constituintes do corpo, cuja condição explicaria o estado doentio e o estado de saúde (1) .

O texto de Aecio, que segue, mostra bem a concepção dualista tão própria do pitagorismo :

"Alcmeón sustem que o manutenção da saúde é a "repartição por igual" das forças, do úmido, do sêco, do frio, do quente, do amargo, do doce e dos demais e que a "supremacia", por sua vez, de uma delas é a causa da enfermidade; pois a supremacia de qualquer das duas é destrutiva. A enfermidade sobrevem diretamente pelo excesso ou falta de alimentação ; seu centro é o sangue, a medula ou o encéfalo. Surge nestes centros às vèzes por causas externas, por determinados tipos de águas, pelo ambiente, as fadigas, a privação ou por causas semelhantes . A saúde, por outro lado, é a mistura proporcionada das qualidades" (2) .

Neste pequeno texto aparecem considerações que iriam se firmar por pelo menos dois mil anos como bases das teorias patológicas. Em primeiro lugar a idéia da constituição múltipla do corpo humano, caracterizado por uma série de pares de qualidades opostas. Além disso, a partir desta composição múltipla, a idéia dinâmica da doença como devida a um desequilíbrio, ao mesmo tempo que a saúde consistiria na harmonia entre as qualidades existentes no corpo humano. Trata-se do conceito da doença e não de doenças particulares. Em terceiro lugar, completando a teoria, a necessidade de um agente iniciador do processo mórbido: Note-se que inicia-se assim uma etiologia baseada essencialmente sobre a constituição individual (3).

Filolau de Crotona que viveu pela segunda metade do século, dá continuação à pesquisa sobre o papel das qualidades na constituição do corpo humano. De uma analogia entre o cosmo e o homem, o calor ocupa uma posição especial na conceituação de Filolau:

"Filolau de Crotona afirma que nossos corpos estão compostos do quente; pois não participam do frio; e o deduz de considerações como as seguintes: o semen é quente e o produtor do ser vivo; o lugar em que é depositado é quente também igual a êle... imediatamente depois de seu crescimento, o ser vivo inala o ar exterior, que é frio, e em continuação, como se fosse por necessidade, o exala de novo. A apetência do ar exterior serve para que nossos corpos, quentes por natureza, possam, como resultado da inalação do ar, ser esfriados por êle (4).

Filolau acrescenta à concepção de Alcmeón todo um dinamismo próprio, necessário ao equilíbrio do corpo, porém, continua baseandó-se essencialmente sôbre as qualidades .

Os primeiros textos de que temos noticia, que introduzem os quatro elementos constituintes da matéria são de Empédocles de Agrigento (504-443 A.C.) que completa as sim a linha iniciada pelos filósofos pitagóricos e que além disso trata basicamente da constituição última do corpo humano . O número quatro aparece aqui com uma conotação mística especial : dois pares de números com qualidades opostas o que constitui uma harmonia perfeita (5) .

"(Empédocles) postula quatro elementos materiais, fogo, ar, água e terra, todos eternos, que aumentam e decrecem mediante a mistura e a separação ; mas seus autênticos primeiros princípios, os que repartem o movimento a aquêles, são o Amor e a Discórdia" (6) .

Os quatro elementos, constituintes de todas as coisas, são permanentes e eternos ; o processo de diferenciação da matéria e composição da realidade sensível constitui-se dinamicamente pela ação de dois princípios, de atração e repulsão, verdadeiras fôrças emotivas . Do mesmo modo que todas as coisas do Universo, o corpo humano também seria formado pelos quatro elementos, de cujo equilíbrio dependeria a saúde (7) . É a própria teoria da Isonomia de Alcmeón já elaborada numa forma em que se manteria até pelo menos o século XVIII de nossa éra .

É no Timeu platônico que encontramos a exposição - mais completa das idéias pitagóricas e itálicas, em uma sinope dos conceitos patológicos anteriores a Hipócrates :

"Para todo o mundo é evidente de onde procedem as enfermidades . São quatro os elementos de que se compõe nosso corpo : a terra, o fogo, a água e o ar .

O excesso ou o defeito, contrários à natureza, nesses elementos, ou bem ainda o fato de que, visto que o fogo e os demais elementos têm mais do que uma variedade, cada um dêles se revista de propriedades que não o correspondem, assim como todos os demais fenômenos deste tipo, são coisas que dão lugar às desordens interiores e às enfermidades . Com efeito, em tais casos, se cada um dos elementos modifica suas propriedades ou muda de lugar contra a natureza, os elementos que primitivamente eram frios se tornam quentes, os que eram sêcos se tornam úmidos, leves os que eram pesados e pesados os que eram leves (8).

Platão apresenta também os quatro humores : a bilis negra, formada a partir da liquefação de partes mais velhas da carne e caracteristicamente amarga ; a bilis amarela que vem da liquefação da carne mais nova ; a pituita ácida, variedade da bilis e que provem da bilis negra ; pituita doce que provem do sangue e a pituita branca que nasce da liquefação de uma carne jovem com uma mistura de ar (9). Os humores, fluidos existentes no corpo humano são incorporados às teorias patológicas e passam a constituir a sua própria base .

A escola medica de Cós teve em Hipócrates (nasceu por volta de 460 A.C.) o seu representante mais significativo . Sua teoria e prática médicas estão apresentadas nos escritos hipocráticos, representativos não apenas da obra de Hipócrates mas também de sua escola . Estes textos parecem ter sido escritos de 450 a 350 A.C. . As informações que hoje temos sobre Hipócrates, sua obra e sua escola devem-se a escritores do século III A.C. , como Platão e também de escritores bem posteriores como Galeno (século II dc) que é sem dúvida o mais importante historiador da medicina grega .

É fundamental para os hipocráticos uma experiência profunda da prática médica, baseada numa devotação profunda dos médicos pelos pacientes : "Viverei e praticarei minha arte com pureza e santidade . Qualquer que seja a casa em que penetre, lá irei em beneficio dos doentes" (10) .

Se bem que na "Medicina Antiga" (provavelmente escrito por um dos discípulos do mestre), apareça um protesto veemente contra a especulação filosófica em medicina:

"quem tenta discutir a arte de curar sobre a base de um postulado - calor, frio, umidade e secura ou o que quer que seja - reduzindo as causas da enfermidade e da morte do homem a um ou dois postulados, não só está equivocado, como também merece ser especialmente censurado por equivocarse no que é uma arte ou técnica" (11) ,

esta posição extremista no entanto não é característica de outros escritos hipocraticos, que se bem que considerem a observação do paciente como a obrigação fundamental do médico

co, elaboram uma teoria médica, a partir de um raciocínio claro .

A patologia hipocrática geral considera o corpo humano um organismo complexo, formado por várias substâncias . É no " De natura hominis " que aparece a explanação básica sobre a teoria dos humores . A partir da crítica a Melissos de Samos que sustentava ser o universo formado de uma só substância, Hipócrates convence-se de que o corpo humano deve ser formado de mais de uma substância . A experiência prova que há vários humores (12) .

Do conhecimento prático, o médico chega à constituição do corpo humano : se o homem fosse composto de um só princípio, o que excitaria nêle a dôr ? E a dôr é observada . Hipócrates propõe uma teoria de 4 humores : sangue, pituita, bilis amarela e bilis negra ou atrabilis . O corpo humano seria um agregado de líquidos e sólidos : os órgãos constituiriam a parte sólida do organismo, enquanto que os líquidos seriam os humores (13) .

O homem gosa saúde quando estes elementos estão devidamente proporcionados um em relação ao outro, quanto á composição, poder e massa e quando estão perfeitamente misturados . A dôr é sentida quando um destes elementos esta em falta ou excesso ou está isolado no corpo sem estar misturado aos outros . Porque, quando um elemento está isolado e se mantem por si não só deve adoecer o lugar que êle deixou, mas o lugar em que êle permanece no corrente deve, devido ao excesso, causar dôr e aflição : de fato quando um elemento flui do corpo além do que é necessário para se desembaraçar do supérfluo, o esvaziamento causa a dôr . Se

por outro lado é no interior que se dá o esvaziamento, o desvio e a separação de outros elementos, de acôrdo com o que foi dito, o homem deve certamente sofrer um duplo sofrimento, um no lugar abandonado e outro no lugar em que êles se concentram (14).

Aos humores correspondem órgãos e qualidades específicas : o sangue vem do coração e representa o calor ; a pituita vem do cérebro e representa o frio ; a bilis amarela segregada pelo fígado representa o sêco e a bilis negra vem do baço e representa a umidade (15).

Uma elaboração de grande valor clínico consistiu na aporção de conceitos como os de dia crítico, crise, paroxismo, que enquadram-se dentro da grande preocupação clínica da escola . O quadro patológico completa-se com a enume-ração dos agentes mórbidos, todos êles naturais : êrro de proporção entre alimento e exercício, os ventos, o mau equi-líbrio dos humores, a hereditariedade, contágio, condição de vida em desacôrdo com o temperamento, etc (16).

Quanto à terapia, a idéia hipocrática principal es-tá na " vis medicatrix naturae " que se baseia na proposição de uma fôrça inata na natureza : a physis . Se quando da enfermidade a quebra do equilibrio não é muito profunda, o equilibrio pode ser restabelecido pela própria natureza. Nisto consiste o poder curativo da natureza, em auxilio do qual o médico deve trabalhar : o principal dever do médico é sustentar e ajudar a natureza (17).

Os sintomas da doenças nada mais são do que os sinais da luta da natureza contra a enfermidade, com a finali-dade de pela cocção (operação química que modifica, corrige,

coze o princípio mortífero para torná-lo favorável à expulsão) alcançar a cura :

"Todos os acidentes que provêm da alteração dos humores, terminam logo que os humores são cozidos ou temperados . A cocção leva à expulsão ou depósito e é este esforço de expulsão que caracteriza a etapa da doença chamada crise" (18) .

Nesta linha vem o princípio básico de tratamento "similia similibus" pelo qual o médico deve agir, procurando reproduzir sintomas da doença : por exemplo a tosse é causada e curada pelos mesmos agentes . Além desta linha de tratamento, os hipocráticos utilizaram também a cura pelos contrários; o uso de remédios com efeitos específicos (purgativos, eméticos, diuréticos, etc.), dietas, banhos, etc.

3 - Galeno

Galeno de Pérgamo é considerado juntamente com Hipócrates, como o médico mais importante da Antiguidade . Sua obra é extensíssima, contendo cerca de 500 títulos, se bem que destes apenas 100 possam ser imputados com segurança a Galeno . Esta produção cobriu os mais diversos ramos da medicina : estudos de anatomia, fisiologia, etiologia, comentários de Hipócrates, diagnósticos, higiene, dietética e terapêutica .

A obra de Galeno representa a síntese da medicina greco-romana, apresentando não apenas elementos hipocráticos e de outras escolas médicas, como também da filosofia platônica e aristotélica . Seu sistema médico, no entanto,

apresenta uma unidade e uma coerência internas . Entre suas obras salientam-se : sôbre patologia o "Dos lugares das doenças" ; o resúmo "Da arte médica" ; em fisiologia : " Do uso das partes do corpo humano " .

O conceito introduzido por Erasístrato e continuado pelos pneumatistas de ser o pneuma, o sôpro da vida, originado do ar externo, aparece com grande ênfase na obra de Galeno, constituindo a base de sua concepção fisiológica do corpo humano : pela função fisiológica, o organismo humano adaptava êsse pneuma às três escalas da vida manifestas no homem : o crescimento, a locomoção e o pensamento . Em sua primeira adaptação o pneuma torna-se espírito natural, agente do crescimento; na segunda adaptação, surge o espírito vital que provoca a locomoção e tornando-se espírito animal determina o pensamento (19) . Nota-se assim na concepção fisiológica de Galeno uma penetração do corpo humano por agentes imateriais, verdadeiros princípios vitais .

Partindo de dissecções em animais, Galeno induziu a ocorrência de um determinado processo fisiológico no corpo humano : da formação do sangue no fígado, morada da forma inferior do pneuma (o pneuma natural), êste pneuma se conduziria pelas veias, atingindo o coração . Neste órgão, parte do sangue seguiria para os pulmões onde se purificaria e de onde refluiria para o sistema nervoso geral ; uma pequena porção de sangue, por outro lado, no coração, atravessaria o septo e misturando-se com o pneuma provindo da traquéia produziria o pneuma vital que seria difundido pelas artérias por todo o corpo . O sangue, conduzido pelas artérias ao cérebro, aí se transformaria, através da rete

mirabile, em pneuma psíquico, distribuindo-se em seguida pelos nervos (20). Notam-se várias dificuldades na concepção-galênica e que vão se manter até a Renascença: são concebidas diversas formas de sangue, correspondendo a espíritos distintos e além disso são introduzidos êrros anatômicos pelo fato de Galeno ter dissecado animais e daí ter extrapolado para o organismo humano: a passagem de sangue pelo septo, que no homem é compacto e a coloração do rete mirabile que na verdade só se observa em animais.

Por outro lado, Galeno desenvolve uma teoria biológica geral que segue a linha de pesquisa já iniciada pelos pitagóricos e que tivera continuação em Hipócrates com a teoria humoral do organismo humano. A concepção dos quatro humores, e suas qualidades e da enfermidade como um desequilíbrio de humores e qualidades, é integrada completamente por Galeno (21). Partindo porém da observação de uma particularização da enfermidade, conforme o paciente, Galeno introduz o conceito dos temperamentos, o que introduz na teoria médica a variável do indivíduo, considerado com características que lhe são intrínsecas. Segundo Galeno, a predominância de um dos quatro humores no indivíduo caracterizaria cada um dos quatro grupos fisiológicos: sanguíneo, fleumático, colérico e melancólico (22).

Quanto à Patologia, Galeno introduz ao lado de uma Patologia geral, essencialmente baseada em considerações biológicas, uma Patologia mais específica que introduz considerações morfológicas. Separa assim as enfermidades em dois grupos: um englobando doenças dos humores cardias e doenças devidas à predominância de uma das quatro qualidades e outro grupo de doenças dos órgãos, devidas à alteração

local (23).

Quanto à terapêutica, o princípio fundamental consiste no contraria contrariis, que orienta a cura para o combate dos efeitos pelos seus contrários : um resfriamento por exemplo, seria curado pelo calor . Note-se que esta terapia é essencialmente baseada sôbre qualidades . Por outro lado, Galeno utilizou também remédios específicos, além de uma medicação voltada para o doente em sí : dependendo do sexo, temperamento, lugar, etc. .

Sua terapêutica utilizava medicamentos em grande parte de origem vegetal, além de substâncias de origem animal e minerais . Além disso utilizava exercícios, massagem, sangria, climoterapia . Dentre os seus medicamentos sobressai a teriaga, medicamento composto por cêrca de 70 substâncias misturadas, à base de ópio e que se manteve por tôda a Idade Média, variando sua composição, conforme o lugar e a época (24) .

O sistema médico de Galeno manteve-se pela Idade Média, Renascença, apresentando vestígios até no século XIX. A queda que ocorreu na prática médica, durante a Idade Média, fez com que os conceitos anatômicos de Galeno e sua teoria patológica se mantivessem incólumes, constituindo a base do dogmatismo que se difundiu entre os médicos . É só na Renascença que se começa a colocar em dúvida conceitos galênicos, o que foi o primeiro sinal de renovação que se iniciava na teoria e prática médicas .

4 - A medicina na Idade Média

Se em Galeno temos a culminação de uma pesquisa

que vinha desde os pitagóricos, na Idade Média vemos desaparecer quase que completamente a figura do pesquisador em Medicina . Se bem que sobressaíam nomes de alguns grandes médicos, a prática médica apresenta-se como essencialmente baseada em textos antigos, chegando a um dogmatismo que é responsável pela relativa imobilidade da Medicina durante a Idade Média .

Ao mesmo tempo em que se dá esta perda da tradição em pesquisa médica, observa-se com a expansão do Cristianismo, uma mudança radical na conceituação da prática médica . A Medicina teúrgica e de caridade ganha corpo, ocorrendo mesmo uma fusão no conceito de males físicos e morais : as enfermidades, principalmente as de grande expansão como as epidemias, eram concebidas como um castigo enviado pelos céus aos pecadores . A fusão de motivos médicos e religiosos transparece no relacionamento que se faz constantemente entre Cristo e Esculápio : imagens de Cristo são esculpidas com a feição de Esculápio e ao mesmo tempo aparecem cultos a imagens de Esculápio, numa conotação evidente com Cristo (25) .

Esta passagem da medicina naturalista grega para uma medicina medieval entremeada de motivos sobrenaturais parece claramente no Evangelho, onde são apresentadas curas milagrosas de doentes, o que acabou introduzindo na medicina práticas de manipulação das forças superiores : oração, unção com óleos, culto aos santos . Realmente, basta considerar algumas das denominações medievais de doenças, para se ver até que ponto motivos religiosos impregnaram a prática médica : o nome das doenças aparece ligado ao do santo

protetor : S. Roque e São Sebastião, protetores contra a pe
te ; S. Antonio o Eremita contra o ergotismo ou mal de S. An-
tonio ; S. Antonio de Pádua contra fraturas, doenças do estô-
mago e int~~es~~estino ; Sta. Iuzia contra doenças dos olhos ; Sta.
Apolonia contra doenças dos dentes ⁽²⁶⁾.

Os clérigos adquirem o dom de curar, observando-se
assim o desenvolvimento da prática médica principalmente nas
instituições religiosas . A tradução de textos antigos não
perde a continuidade nos centros religiosos, porém carrega
deformações que vão se acumulando com o tempo . Essencialmen-
te na Alta Idade Media, a prática médica restringe-se a re
gras de higiene, dietética e um receituário rudimentar, empre-
gados dentro de um esquema caritativo ; se difundem enferma-
rias ligadas aos monastérios ⁽²⁷⁾.

É assim uma medicina reservada aos clérigos que se
observa no Ocidente Medieval . No século VI, Cassiodoro tor
na obrigatório aos seus monges a cópia de manuscritos anti
gos . Obras de Galeno, Hipócrates e de médicos bizantinos co
mo Oribásio, Alexandre de Trales, Paulo de Egina (que rea-
lizaram não apenas um trabalho compilatório como também uma
pesquisa original) são traduzidas e incorporadas à literatu-
ra médica dos mosteiros. Há algumas obras originais, como a
de Benedetto Crespo em terapêutica e a de Anthimos sôbre die-
tética, porém em maioria tratam-se de tradução e o pior de
tudo é serem traduções inexatas, contendo correção, deforma-
ções, misturando autores ⁽²⁸⁾.

A prática médica dos clérigos mantem-se até o sécu-
lo XII . Neste período sobressaem-se alguns trabalhos indivi-
duais como o de Raban Maur , do século IX cujos " Physica
seu de Universo" e De clericorum institutione" apresentam t^o

das as ciências e uma medicina baseada na teoria dos quatro humores . Já no século XII, Hildegarde de Bingen que nos " Physica ", " Causae et curae " trata das causas, sintomas, tratamento. das doenças (29) .

No século XII e início do século XIII, os concílios de Reims, Londres, Montpellier, Tours e Paris lançam diretrizes orientadas no sentido de limitar a prática médica pelos clérigos . A proibição que por fim se estabelece sobre esta prática acaba levando a um desenvolvimento da medicina laica . Porém, a prática médica exercida pelos clérigos durante séculos havia já então acarretado um distanciamento profundo entre a teoria e a prática médicas : a interdição que pesava sobre os clérigos de praticarem a cirurgia e o desprezo existente pelos trabalhos manuais, levaram ao surgimento de uma multidão de barbeiros e cirurgiões-barbeiros, encarregados da manipulação de medicamentos e além disso de pequenas cirurgias . Esta separação, que se mantinha inclusive em termos sociais, entre os teóricos e os práticos da medicina, manteve-se pelas Universidades Medievais até a Renascença, quando os médicos passam novamente a desenvolver uma prática clínica e cirúrgica .

Paralelamente, a partir do século VI desenvolve-se no Islã uma medicina que aliou à incorporação de textos gregos e romanos traduzidos, uma prática médica . O mais importante dos tradutores foi Hunain , que viveu no século IX e que iniciou uma escola de tradutores . Aristóteles, Hipócrates, Galeno, Oribásio, Alexandre de Trales, Paulo de Egina, Dioscórides foram autores traduzidos para o árabe .

Razes, o mais importante dos médicos árabes, man-

teve-se prêso ao hipocratismo, mas seus textos apresentam os resultados de uma prática extensiva . O se " Liber continens ", um dos seus 100 livros de medicina, traduzido para o latim, pelo século XIII, tornou-se texto básico para os médicos ocidentais .

Se bem que a obra filosófica de Avicena (980 -1037) seja mais importante historicamente que sua obra médica, o " Canon ", seu principal texto médico também tornou-se texto básico das universidades europeia . O Canon contem ensinamentos hipocráticos e galênicos, além dos resultados obtidos pelo próprio Avicena . Trata-se de medicina teórica, em que se sôbre a teoria humoral de Hipócrates; medicamentos simples ; doenças e seu tratamento ; composição e preparação de drogas ⁽³⁰⁾ . O Canon foi traduzido para o latim por Gerardo de Cremona, no século XII . A sua aceitação mostra-se nas contínuas edições que foram feitas, nos primeiros ano da imprensa : 16 edições no últimos trinta anos do século XV, 20 edições no século XVI . as universidades de Viena e Frankfurt, por exemplo, apresentavam um currículo baseado essencialmente nas obras de Avicena e Razes (31) .

A contribuição dos árabes para a farmacologia foi extensa . Este fato parece basear-se na prática alquímica muito expandida entre os árabes . Entre os medicamentos introduzidos pelos árabes destacam-se : o âmbar, almigcar, cravo da Índia, o maná, noz moscada, cânfora, sândalo, gengibre da China, etc. ⁽³²⁾ . A partir do século XII , o pensamento árabe é extensamente difundido na Europa Ocidental, principalmente por traduções realizadas pelos sábios judeus da Península Ibérica .

A partir do século XI, o surgimento das primeiras escolas médicas já marca uma orientação para a laicização da medicina europeia . Porém, visto que textos árabes introduzidos na Europa, adicionam pouca coisa aos conhecimentos médicos gregos, sua maior contribuição se situando em farmacologia, a medicina europeia permanece essencialmente galênica . Se no século VI as obras utilizadas pelos médicos consistiam no herbário de Dioscórides, obras de Hipócrates e Galeno e dos médicos bizantinos, vamos encontrar na Escola de Salerno , a primeira escola médica do medievo ocidental, o trabalho de um Constantino, o Africano (século XI) que traduz os Aforismas de Hipócrates, comentários de Galeno aos Aforismos, tradução feitas a partir do árabe . Porém, além do entrecruzamento das medicinas greco-romana, árabe , judia, siria e egípcia, que se dá em Salerno, os textos da escola demonstram que além do ensino regular da medicina , hávia uma prática constante : são feitas disseções em animais e se pratica a cirurgia .

Destes escritos, o "De aegritudinum curatione " , composto de 173 capítulos é caracteristicamente clínico: estuda as febres, trata de todas as doenças da cabeça aos pés, doenças nervosas ; considera a teoria médica segundo a qual a doença evolui segundo o humor que é particularmente interessado . Contem ainda tratamentos dietéticos, compressas, purgas, banhos e vomitórios (33) .

Já o " Regimen Sanitatis salernitanum " ou " Flos Medicinae " , do século XII, poema que se tornou a obra médica mais conhecida desta época, contem preceitos de higiene, regimes alimentares de acordo com as estações e os meses , trata também dos quatro humores e examina as correspondên-

cias entre as partes do corpo e os signos do Zodíaco . A tera
pêutica e especialmente a sangria são apresentados com os di
as lunares favoráveis ou contrários (34). Este texto mostra
bem a influência da crença astrológica na prática médica . A
verdade é que com o revivamento da astrologia, ocorrido por
influência árabe, a astrologia passa a ser extensamente utili
zada pelos médicos europeus, podendo-se mesmo dizer que todo
médico era um astrólogo .

Os séculos XII e XIII vêm surgir a regularização da
profissão médica que por éditos reais fica limitada a pessoas
que depois de cursarem a Universidade por 5 anos, fizessem um
exame de conhecimentos (35). É realmente por esta época que
instalam-se as primeiras Universidades : Montpellier (a pri
meira Universidade especializada em Medicina), Paris, Oxford,
Bolónha, Pádua e outras . As Universidades mantêm a separação
existente entre a teoria e prática médicas : a formação dos
médicos mantem-se essencialmente teórica, sendo completada -
por um ano de estágio de prática clínica depois da licencia-
tura . Os cirurgiões se vêm mesmo proibidos de entrar nas u
niversidades, o que leva a uma série de atritos entre médi -
cos, cirurgiões e cirurgiões-barbeiros, que adquire caracte
rísticas de luta social, visto a grande diferença de oportu
nidades entre médicos e cirurgiões .

O desenvolvimento da Escolástica vem agravar o pro
blema, com uma tendência a uma exacerbação dos métodos de ra
ciocínio . Sob sua influência desenvolve-se uma medicina des
ligada da observação e que pelo raciocínio procura descobrir
as verdades mais profundas, partindo de postulados duvidosos.

Porém, já nos séculos XIV e XV, o ensino universi-

tário vai se abrindo, aos poucos, a novos gostos . Começam a sobressair individuos que não se enquadram dentro dos moldes da medicina estabelecida . Em Montpellier surge a figura de Arnaldo de Villanova (1235-1311), regente da Universidade, alquimista, astrólogo e teólogo . Villanova apresenta em suas obras as correntes médicas de Hipócrates, Galeno, dos árabes e da escola de Salerno . Porém, sua obra vai muito além da medicina oficial, mostrando-se realmente como a de um iniciado, o que posteriormente será encontrado também em Paracelso . Ele mantém a teoria humoral e dos temperamentos, porém não hesitava em contrariar a autoridade de Galeno e Avicena (36) .

A renovação da anatomia, que durante toda a Idade Média se prendera aos ensinamentos galênicos, inicia-se com a volta da prática de dissecação . Apesar da proibição por édito papal em 1300, Mondino de Luzzi (1270-1326), o primeiro cirurgião de destaque, em 1316, disseca dois cadáveres em público, na Universidade de Bolonha . É realmente nas universidades italianas que se difunde mais rapidamente a prática da dissecação ; estas universidades tornam-se os centros de ensino médico mais procurados pelos estudantes europeus . Apesar deste reinício da prática da dissecação, ainda em fins do século XV a anatomia mantém-se essencialmente baseada nos textos de Galeno (37) .

Quanto à Patologia, no século XV mantém-se ainda baseada na teoria dos humores . Os diagnósticos eram feitos sobre exames de sangue, escafro e urina . A prática da uroscopia era então tão difundida que certos médicos faziam o diagnostico simplesmente pela observação da urina

do paciente, nem ao menos necessitando ver o doente . Esta atitude por outro lado reflete uma Medicina desligada da prática clínica .

Em Terapêutica, o uso da sangria era muito difundido, devendo ser praticada sob determinadas condições astrológicas . Eram utilizados cautérios, escarificações, remédios revulsivos (mostarda, cantárida, fontanelas) , remédios com efeitos específicos como laxativos, eméticos , diuréticos, diaforéticos; pedra preciosas como safiras, esmeraldas, pérolas eram consideradas com virtude terapêutica; e além disso manteve-se o culto aos santos, relíquias, amuletos (38).

O desenvolvimento de medidas preventivas e em especial a atenção dada à higiene na literatura médica de fim da Idade Média, prende-se certamente às epidemias que assolaram o mundo : além da peste bubônica, as epidemias de lepra, escorbuto, ergotismo, influenza, coréia epidêmica e febre miliar .

5 - A medicina na Renascença

Dentro das condições de crise social, econômica e política característica do Renascimento, observou-se um movimento de libertação do homem que tornou possível a luta do individuo, sózinho, contra valores constituídos . Tornaram-se assim cada vez mais frequentes os sobressaltos advindos desta luta : grandes polemistas põem em risco a própria vida na luta pelo renovamento das idéias.

Em Medicina a batalha foi insana, visto a grande estagnação que se observava no ensino universitário, centro

de formação dos profissionais . As universidades persistiam no ensino essencialmente teórico, baseado sobre obras dos mestres da Antiguidade . Era uma formação abstrata, baseada no raciocínio : a observação da natureza não era praticada e via-se submetida à dialética , Um reflexo desta situação estava no desprezo pelas artes manuais e a própria proibição da cirurgia dentro das universidades . Esta situação começou a se modificar nos séculos XIV e XV, principalmente nas universidades italianas, que vão apresentar-se na vanguarda da renovação da Medicina, ainda por todo o século XVI.

Ao mesmo tempo, o movimento humanista, procurando um modelo que pudesse ser contraposto ao modelo medieval, volta-se para a antiguidade clássica, apresentando-a como modelo de perfeição . A Medicina também vê-se tomada por este movimento, sendo realizadas um grande número de traduções de textos médicos, diretamente do grego, o que levou a um confronto com os textos utilizados durante a Idade Média.

Um exemplo dos debates que a confrontação de textos produziu, pode nos mostrar a importância que revestia tais fatos, nas condições específicas em que aconteceram .

Pierre Brissot , nascido em 1478 e doutor em Medicina pela Universidade de Paris, dedicou-se extensamente ao recolhimento de textos originais de médicos gregos, que depois confrontava às versões trazidas pelos árabes . Foi utilizando ensinamentos colhidos diretamente na obra de Hipócrates, que Brissot dispôs-se a curar a pleurisia do rei de Portugal : utilizou uma sangria em grande quantidade, efetuada no braço correspondente à lesão, enquanto que pela Medicina oficial o tratamento neste caso consistia numa sangria em

pequena quantidade e feita do lado oposto ao mal. Brissot conseguiu curar o rei mas se viu envolvido numa violenta discussão com Dénis, um médico partidário da Medicina oficial. Esta discussão seguiu mesmo até depois da morte de Brissot, Denis conseguindo a certa altura que o Parlamento ordenasse que todo pleurético fosse sangrado no lado oposto. A expansão da querela por toda a Europa mostra que a discussão era na verdade representativa de mentalidades em confronto : a Europa ocidental dividiu-se em dois campos, -- sendo sintomático que renovadores como Vesalius, Cardan e Guido Guidi defendessem a causa de Brissot (39).

É na Renascença porém, que a Medicina constituiu-se como corpo próprio de pesquisa, deixando de ser um simples acessório de campos de conhecimento considerados mais importantes. Uma sistematização da observação dá novas bases à Medicina que consegue deste modo suplantar os clássicos antigos, ainda no século XVI considerados como a base da pesquisa médica. Os novos mestres aos poucos conseguem impor seus trabalhos pessoais, abrindo brechas no sistema médico estabelecido.

É de grande importância a difusão que ocorre no século XVI, da prática de dissecação, revivida por Mondino de Luzzi no século XIV. As dissecações em cadáveres humanos, iniciadas por Herófilo e Erasístrato, médicos alexandrinos do século III A.C., mostravam-se na Antiguidade como meio de conhecimento da Anatomia humana. Galeno, já impossibilitado de praticar a dissecação em cadáveres humanos, praticou-a em animais e extrapolou os resultados para o homem, o que acabou acarretando inúmeros erros. Porém, foi o corpo de conhecimentos anatómicos obtido por Galeno que so

breviveu durante toda a Idade Média . Somente em inícios do século XV a prática da dissecação se estabelece nas universidades, tendo sido construídos os primeiros anfiteatros em Pádua, Bolonha e na França em Montpellier (1556) e Paris⁽⁴⁰⁾.

Vesalius (1514-1564) dedicou-se à anatomia, tendo estudado o fígado, condutos biliares, útero, maxilares, estrutura do sacro, observou também a impermeabilidade do septo⁽⁴¹⁾. Esta última descoberta, apresentada no "De corporis humani fabrica", em 1543 levantou contra o autor os galenistas, que então constituíam a maioria dos médicos universitários . Vesalius, encarado como herege, viu-se mesmo impossibilitado de continuar suas pesquisas .

Porém, sua obra teve continuidade, principalmente na Itália, com Fabrizio de Acquapendente e outros anatomistas, sendo decisiva para a descoberta da fisiologia da circulação do sangue por Harvey em 1628 .

Em Patologia, além da obra de Paracelso, que lança toda uma nova teoria médica, observou-se entre os médicos uma preocupação muito grande para com as doenças contagiosas: varíola, sarampo, varicela, influenza, tifo exantêmico e sífilis . Observou-se mesmo no século XVI um recrudescimento da sífilis, que enquanto que a Igreja Católica constatava como castigo divino pelo afrouxamento moral da época, os médicos explicavam como devida a conjunções astrais desfavoráveis . De qualquer forma era um fenômeno médico recente e que se apresentava como um campo aberto para as pesquisas⁽⁴²⁾ .

Já a terapêutica orientou-se no sentido de uma simplificação, frente à terapêutica árabe excessivamente complexa . Os medicamentos utilizados, de modo geral eram compos

tos de um grande número de componentes, como a teriaga, o que era um reflexo da preocupação dos médicos de encontrarem as panacéias (43). Supondo-se que as virtudes dos remédios se so mavam, os médicos acabavam introduzindo medicamentos comple xíssimos. Os médicos renovadores da terapêutica, voltam-se contra estas misturas, procurando utilizar medicamentos mais simples, cuja ação fosse possível controlar.

Sobressai ainda a obra de Champier (1472-1539) que luta contra a importação de remédios que era constantemente feita na época. Champier critica este fato, visto que a natu reza coloca os remédios regionais necessários às enfermidades do local (44). Esta mesma posição foi defendida por Paracel so que valoriza os remédios locais, como mais eficientes que os de regiões longínquas.

Note-se ainda que 90% da medicação utilizada consistia de vegetais, aos quais vieram somar-se medicamentos novos levados pelos navegantes, do Novo Mundo para a Europa.

A cirurgia aos poucos também vai se libertando, apresentando-se como um campo digno de trabalho. Na Itália é onde mais rapidamente os médicos começaram a se dedicar à prática cirúrgica, enquanto que na França, e especialmente em Paris, persiste por mais tempo a separação entre médicos e cirurgiões.

Os cirurgiões cuidavam de ferimentos por armas, úlceras, chagas, aplicação de ventosas, cauterização, sangria. Sua prática restringia-se a conhecimentos adquiridos por transmissão direta de um mestre do ofício (45).

O grande prestígio alcançado, no século XVI, por Ambroise Paré (1510-1590), no entanto já mostra uma modifica

ção na situação dos cirurgiões . Se bem que Paré praticasse apenas a cirurgia, era dono de grande conhecimento em medicina e destacou-se, alcançando mesmo uma posição social e quivalente à de um médico .

A obra de Paré trata de feridas por armas de fogo, chagas, fraturas, contusões, pedras, gangrenas ; métodos de bandagem, ligadura de vasos e contenção de fraturas êle mesmo introduz (46). Utilizava o princípio hipocrático de auxiliar à natureza, o que no tratamento de feridas consistia em limpar o local, não utilizando drogas . A obra de Paré apresenta-se como a primeira obra escrita de cirurgia, o que inicia uma nova tradição na prática cirurgica .

A O b r a d e P a r a c e l s o

I - O homem e a natureza na obra de Paracelso

A concepção mecanicista do mundo, de Descartes, vem substituir uma concepção vitalista da natureza que já se encontra expressa nos textos da Antiguidade clássica: a natureza concebida como um organismo vivo, harmonioso e hierarquizado . Uma concepção que era baseada essencialmente sobre a estrutura interna, a influência imaterial existente entre as partes e ainda sobre a unidade última existente por trás da aparente multiplicidade da realidade sensível .

Se bem que as raízes de uma visão antropomórfica da natureza se percam no tempo (1), encontramos na obra de Platão um ponto de encontro das concepções vitalistas do universo que se espalham pela Europa medieval, não apenas por meio dos neo-platônicos e da adaptação cristã de Dionísio Aeropagita, como também pelas correntes subterrâneas do hmetismo .

O Timeu platônico é a obra mais antiga que chegou até nós em que é apresentada de um modo completo a idéia do homem como um microcosmo frente à Natureza concebida como um Macrocosmo . Este texto apresenta uma importância especial para a História das Idéias, visto ter sido o único texto platônico que na sua integra se manteve pela Idade Média . A tradução de Calcidius, do século III da nossa era tornou-se a base das idéias medievais sobre a natureza do universo e do homem . A analogia entre o homem - microcosmo e o mundo-macrocosmo, construída sobre a unida-

de do cosmo, que se esconde por trás da aparente multiplicidade ; a concepção hilozoista do Universo, organismo dotado de uma racionalidade que se evidencia pela regularidade dos movimentos astrais ; a alma do mundo, anterior à matéria e semelhante à alma humana, divina e imortal ; a base tetradica da constituição material dos corpos, são conceitos fecundos, que se mantiveram por quase dois mil anos .

Na obra de Paracelso os conceitos de microcosmo e macrocosmo constituem a base sôbre a qual foram erigidas os corpos teórico e prático da Medicina . Em sua filosofia os motivos platônicos aparecem, no entanto, envolvidos por uma preocupação cristã e humanista, ao mesmo tempo que se misturam a idéias que se desenvolveram em correntes espurias do pensamento medieval, como o Hermetismo e mais especificamente a Alquimia .

1 - O homem e a Natureza

O ponto central da concepção cosmo-antropológica - de Paracelso é o conceito de microcosmo e macrocosmo . O homem é concebido como um pequeno cosmo, em tudo semelhante ao mundo, o grande cosmo :

"o homem tem uma grandeza que só pode ser entendida como uma imagem do macrocosmo ... O que esta fora do homem está dentro e o que não está fora não está dentro pois o interno e o externo são uma só coisa " (2) .

Se bem que o homem seja concebido como uma imagem

do cosmo como um todo, o próprio fato de ser considerado como um pequeno mundo implica na consideração de uma individualidade, de ser o homem visto como uma criatura que contém uma estrutura e uma unidade que lhe são próprias . Ao mesmo tempo, o homem aparece com uma grandeza especial frente ao restante da natureza pois é concebido como uma síntese de tudo o que existe . É assim com uma dupla propriedade de reflexo e ao mesmo tempo síntese do mundo exterior, que o homem-microcosmo é concebido por Paracelso .

Certamente a consideração do microcosmo como um reflexo do Grande Mundo implica em uma semelhança, em uma identidade intrínseca, existente entre ambos :

"O homem é o pequeno mundo, semelhante ao grande, não apenas na sua configuração e na sua substância material, mas em tôdas as forças e nas virtudes que êle possui " (3),

o que mostra a concepção de uma semelhança que ultrapassa o campo do material e se projeta também no campo vital, no campo das forças e virtudes inerentes e ocultas em cada coisa .

A semelhança entre o grande e o pequeno como é na verdade o reflexo de algo bem mais profundo que é a sua existência como partes de um organismo vivo, de uma totalidade que é uma e que se oculta por trás da multiplicidade sensível . A natureza é

"um vasto organismo, no qual as coisas naturais se harmonizam e simpatizam reciprocamente ... O macrocosmo e o microcosmo não fazem senão um. Eles não formam senão uma constelação , uma influ

encia, um sôpro, uma harmonia, um tempo, um metal ,
um fruto"(4) .

Enquanto que para os teólogos medievais o Universo mostra-se como estanque e hierarquizado, em que uma cadeia ininterrupta de sêres descendia da Divindade Suprema ao mais ínfimo dos sêres, e em que era patente uma valorização da esfera superior, celeste frente à esfera terrestre, é nos escritos herméticos, dos primeiros séculos de nossa era que vamos encontrar esta concepção de uma semelhança total entre as coisas do Universo . A Tábua de Esmeralda, Tabula Smeragdina, texto que é uma síntese dos conceitos básicos do Hermetismo, e que é atribuído a Hermes Trimegisto apresenta como:

"É verdade, sem mentira, certo e muito verdadeiro .
O que está em baixo e como o que está em cima, e o que está em cima é como o que está em baixo, para cumprimento dos milagres de uma só coisa" (5) .

Seguindo a tradição alquimista, que concebia um relacionamento estreito entre os metais e os astros, esta semelhança entre todas as coisas do universo transparece quando a partir da existência de uma constelação no céu, parte superior do cosmo, Paracelso concebe uma constelação terrestre constituída pelos metais existentes em baixo da terra . É um conhecimento do oculto, a partir de constatação do que é visível : a função desempenhada pelos 7 planetas na esfera ignea, na terra é atribuída aos 7 metais conhecidos :

"Um Saturno celeste, ígneo, corresponde a um Saturno terrestre ...O ferro não é nada senão Marte. Marte é o ferro e inversamente "(6) .

Porém, mais do que uma semelhança funcional ou en

tão estrutural, é a vida que se oculta em cada um dos objetos, mesmo os aparentemente inertes, que caracteriza a concepção da natureza para Paracelso . Os minerais crescem no fundo da terra do mesmo modo que as plantas, todas as coisas se assemelham como seres vivos que são e ao mesmo tempo como partes de uma totalidade . Esta totalidade multiplica-se em infinitas manifestações mas nunca perde a sua unidade e é dentro desta unidade que cada coisa adquire a sua significação plena . O mistério vital que se caracteriza no crecimento dos metais e das plantas, reflete assim a unidade vivencial do próprio Universo :

"Os mistérios do grande e do pequeno mundo são uma só coisa, mas se manifestam de forma diferente"⁽⁷⁾.

Entre os filósofos renascentistas, é com Pico della Mirandola que a idéia de um vitalismo universal apresenta-se de forma mais elaborada . A natureza é apresentada como constituindo uma única vida grande, intercomentada e tal que o movimento do todo é detetado em cada parte . O Universo é como uma corda sob tensão, que tocada em um ponto qualquer propaga o distúrbio em toda direção ⁽⁸⁾ . A filosofia de Pico teve grande influência sobre os filósofos alemães e certamente foi integrada por Paracelso, para quem as impressões entre todas as coisas do mundo é uma constante no relacionamento entre o homem e a Natureza :

"O que está sobre a terra, no lugar o mais isolado, projeta sua sombra sobre o homem . E o que está no mais profundo dos mares impressiona o homem . O que está sobre o antártico se reflete no ártico e inversamente e tudo em conjunto no homem ⁽⁹⁾ ."

Neste texto, Paracelso mostra uma preocupação muito grande pelas impressões sofridas pelo homem o que sem dúvida reflete a sua preocupação de médico . Esta colocação, em termos médicos, vai adquirir uma importância primordial na teoria de Paracelso, visto que a simpatia existente entre tôdas as coisas do Universo e em particular entre o homem e o mundo exterior implica numa ligação constante do homem com a ^Natureza . Se bem que o homem-microcosmo exista como individualidade, o médico não pode considerá-lo separadamente do restante das coisas, o que faz com que a Medicina amplie seu campo de pesquisa, aproximando-se da " physis ", da filosofia da ^Natureza .

2 - A matéria primeira

Se a semelhança existente entre todas as coisas do Universo é uma manifestação da unidade invisível aos nossos olhos, é no próprio ato da Criação que se encontra a razão desta unidade :

"toda coisa é o produto de um esforço de criação universal único" (10) .

O Deus bíblico, criador de tôdas as coisas criou no início um só corpo, a matéria primeira, o Yliaster ou Hyle, estabelecida na unidade do mercúrio, enxôfre e sal . A união destes três princípios deu nascimento à matéria tornada material, física, o Yliadus, encerrando nela os quatro princípios de diferenciação, verdadeiras matrizes, mães das coisas, os quatro elementos fogo, ar, água e terra (11) . Os três pricípios, mercúrio, enxôfre e sal aparecem na obra de

Paracelso não como substâncias no sentido usual da palavra, mas como verdadeiros princípios ativos, masculinos, geradores do processo de diferenciação, enquanto que os quatro e lementos clássicos constituem matrizes, princípios femininos, passivos, formas de manifestação da matéria .

Como na Bíblia, em que o homem é a obra do sétimo dia, culminação do obra divina, para Paracelso a criação do homem só se efetua depois que tôdas as criaturas já existem . A matéria primeira, o pai do homem é o limbo :

"o limbo é o céu e a terra, a esfera superior e a inferior, os quatro elementos e tudo o que contém"
(12)

O homem é assim a síntese de tudo o que existe, extrato do firmamento e da terra .

É assim na criação do Universo e do homem como síntese de todas as coisas que se revela a unidade que se esconde por trás da multiplicidade da realidade sensível, a matéria primeira realidade última de todas as coisas naturais .

Se bem que os quatro elementos são considerados como matrizes, das quais se originam todas as coisas :

"Da terra saem as ervas, a madeira e seus derivados ; da água os metais, as pedras e os minerais em geral ; do ar o orvalho e a Terebiana ou Maná e do fogo o trovão, o relâmpago, o raio, a neve e a chuva "(13)

na obra de Paracelso, os elementos já não se apresentam como constituintes últimos e primários da matéria . Apresen

tam -se isso sim como verdadeiros modos de manifestação, a través dos quais os três princípios primários formam tudo o que existe . As substâncias :

"formam tudo o que se apoia nos quatro elementos elas levam em si todas as forças e faculdades das coisas perecíveis "(14).

Enquanto os três princípios permanecem unidos, ê les mantêm-se invisíveis aos olhos do homem, porém, se um corpo é submetido à ação de um agente exterior e ocorre a sua separação êles tornam-se manifestos . Paracelso utiliza uma analogia para tornar compreensível o processo de separação dos três princípios :

"se queimas o corpo da madeira e observas o que ocorre, verás que há uma coisa que arde - o enxôfre - , outra que exala fumo - o mercúrio - e outra que fica em cinzas - o sal " (15)

o enxôfre representa assim tudo o que queima no corpo, o mercúrio tudo o que evapora e o sal todo o resíduo incombustível . Não é por acaso que os princípios apresentados como rrepresentativos da propriedade de arder, evaporar e permanecer como resíduo nos trazem à lembrança os processos alquímicos : a manipulação da matéria pelo fogo com seus voláteis, as substâncias oleoginosas e o resíduo . Pois se os quatro elementos apresentados por Paracelso como modalidades de manifestação da matéria, fazem parte de toda especulação sôbre a constituição das coisas naturais e mesmo do homem, desde a Antiguidade Clássica, é na Alquimia que o mercúrio e o enxôfre são introduzidas como componentes de

todos os metais .

Na Alquimia árabe, mais precisamente nos escritos geberianos (16), que tiveram uma profunda influência sobre os alquimistas da Europa medieval, aparece a concepção de serem os metais formados a partir de vapores de mercúrio e enxôfre, o enxôfre considerado como princípio inflamável, enquanto que o mercúrio apresentava-se como caracteristicamente fluido (17). A partir da influência árabe torna-se idéia corrente entre os alquimistas europeus, serem os metais engendrados pelo enxôfre e pelo mercúrio : o enxôfre apresentava-se como o princípio masculino e o mercúrio como o princípio feminino (18).

Na obra de Paracelso, a dualidade de princípios construtivos transforma-se numa trindade, com o sal, princípio de fixidez . Se até então, os alquimistas tinham introduzido o enxôfre e o mercurío como constituintes dos metais, para Paracelso os três princípios apresentam-se como formadores de tôdas as coisas do universo, inclusive do homem . É o primeiro prenúncio da introdução de processos alquímicos no organismo humano, pelos quais os processos fisiológicos e os processos mórbidos passam a ser explicados.

"O corpo humano não é outra coisa que enxôfre, mercurío e sal e nêles se alojam a saúde e a enfermidade " (19).

3 - O microcosmo

O homem-microcosmo, se bem que semelhante em sua

composição, forma e virtudes ao mundo exterior, consiste em um sistema fechado, individualizado :

"O microcosmo aparece também rodeado e encerrado pela pele : ali dentro o sangue, a carne e todos seus demais elementos permanecem fóra do contato do mundo exterior, evitando assim que este o fira, transforme ou misture . A pele que recobre ao homem cumpre, pois, a missão de separar os dois mundos, o grande e o pequeno, isto é o universo e o homem " (20) .

É porem uma separação que se bem que mantenha a integridade do pequeno mundo, trata-se apenas de duas partes separadas, isoladas, de uma mesma realidade. É como no caso do ar contido em um frasco fechado : é o mesmo ar que o que está fóra, já que o ar existia antes mesmo do próprio frasco . É um só ar separado em duas partes .

O grande cosmo apresenta-se ao homem como diferenciado em duas esferas : a esfera superior, o céu, construída sôbre os dois elementos intangíveis : o fogo e ar ; e a esfera inferior, a terra, perceptível aos nossos olhos e construída sôbre a terra e a água . São duas esferas, partes de uma mesma realidade, uma visível e uma invisível aos nossos olhos (20) .

O microcosmo, "imagem em um espelho, reflexo dos quatro elementos" (21) do mesmo modo que o mundo exterior, é formado de dois corpos : um visível, o corpo elementar, a terra do homem, constituído sôbre os dois elementos mais pesados e um corpo invisível, o corpo astral ou sideral, a

constelação do homem .

As quatro modalidades de manifestação da matéria coexistem no microcosmo :

"o fogo está escondido no corpo ... estamos incapacitados de possuí-lo, a menos que o façamos surgir à fôrça . A água por sua vez inunda o corpo inteiro , veias, partes nervosas, ossos, carne e membros ... quanto ao ar, sua presença no corpo obedece aos ventos que o movimento contínuo dos membros cria ... a terra é aquilo para o que são produzidos os alimentos " (22).

O corpo elementar, séde dos instintos mais baixos do homem, necessita alimentar-se para manter-se vivo .. Sua constituição é baseada sôbre os três princípios básicos da matéria : o enxôfre que dispõe sôbre o crescimento do corpo e que encontra-se em formas distintas pela carne, sangue , medula e ossos : Já ao mercúrio ou licor correspondem as propriedades de congelação e de compacidade, com o que êle torna-se absolutamente necessário à constituição do corpo . Já o sal, está encarregado da aglutinação do corpo e a êle deve-se o fato de um corpo ser maleável ou rígido, bem como todas as congelações e coagulações (23).

Já o corpo astral do homem, a constelação do microcosmo revela-se como mais elevada que o corpo elementar, pois se o homem foi esculpido nas três substâncias, à matéria inerte é necessário que Deus adicione a vida :

"pela ação do corpo sideral que o movimento da vida entra no campo elementar " (24).

É no nascimento que o homem recebe o seu céu particular, sim pois se só houvesse um céu para todos os homens, todos ficariam doentes ao mesmo tempo (25). A constelação do homem apresenta-se assim não apenas como veículo da vida no sêr humano, mas também, pelas suas características, é determinante do próprio ciclo vital do indivíduo .

Em uma analogia com a função de marcadores do tempo, que pela regularidade de seus movimentos, os astros desempenham no firmamento do macrocosmo, Paracelso apresenta o movimento da constelação do microcosmo como determinado pela própria extensão do ciclo vital .

"(a natureza) adapta os movimentos dos astros , de maneira que tôdas as suas influências se cumpram no tempo que vai desde a criação , até a predestinação " (26) .

A vida de um indivíduo é concebida assim como um ciclo que se cumpre em tôdas as suas etapas, podendo variar apenas a velocidade de passagem de uma etapa para outra conforme a predestinação do indivíduo . Já está determinada assim, quando nasce uma criança, qual vai ser a duração de seu ciclo vital e é a partir desta duração que se regula o processo fisiológico . O microcosmo obedece a suas próprias leis e marcha para um fim já determinado (27) .

Mais do que um determinante da duração do ciclo vital, o corpo astral é concebido por Paracelso como a própria séde da força vital que sustenta o processo biológico do organismo humano . Os sete planetas do corpo humano são

relacionados aos sete órgãos mais importantes do corpo e adquirem dentro da concepção vitalista de Paracelso o papel de "espíritos", agentes vitais responsáveis pelo processo vital.

"Os órgãos não são eles mesmos, senão representações corporais das energias invisíveis que se movem pelo organismo inteiro. Em verdade, o verdadeiro fígado é uma força que circula em todas as partes do corpo, mas possui sua sede no órgão que nós chamamos assim" (28).

Seguindo assim a concepção astrológica, concepção corrente na medicina medieval, os sete planetas conhecidos aparecem relacionados a sete constituintes do corpo: O coração é o sol do corpo. O baço realiza um movimento semelhante a Saturno. Por sua vez a bilis corresponde a Marte, enquanto que a natureza e a exaltação de Venus se encontra nos rins. Mercúrio é o planeta correlativo aos pulmões e Júpiter corresponde ao fígado com grande semelhança (29)

O processo vital é compreendido por Paracelso como resultado da ação de espíritos corporais, cuja finalidade é conservar a parte do corpo que está sob a ação do outro:

"O coração envia seu espírito por todo o corpo, exatamente como faz o sol sobre a terra e os demais astros, este espírito serve para o sustento do corpo, mas não para o dos outros membros... O fígado faz circular seu espírito até o sangue sem mistura-lo em nenhuma outra parte. O

baço dirige sua corrente pelos flancos e intestinos . Os rins forjam seu caminho pelos lombos, vias urinárias e partes vizinhas . A via dos pulmões se acha no perímetro do peito e na garganta . E a bilis toma seu movimento do ventrículo (estomago) aos intestinos " (30).

São sete vitas localizadas nos órgãos e que asseguram a nutrição de todo o corpo humano .

Completando o processo fisiológico e seguindo na linha de localização dos processos biológicos, enquadra-se perfeitamente dentro do vitalismo de Paracelso a concepção do Archeus , o Alquimista , criado por Deus afim de manipular os alimentos, extraindo o necessário para a sobrevivência do organismo , do que lhe é nocivo (31).

A necessidade que cada órgão tem de nutrição faz com que ocorra um processo digestivo em cada órgão, estando o corpo humano povoado de Archeus, agentes imateriais responsáveis pelo processo digestivo .

Os processos vitais são assim concebidos por Paracelso, como resultado da ação de espíritos, responsáveis pelas transformações que ocorrem na matéria inerte .

4 - O corpo, a alma e o espírito

Do mesmo modo que o cosmo apresenta-se constituído por três partes : o mundo divino, o astral ou sideral e o terrestre, o homem apresenta-se tripartido para Paracelso : consta de corpo, alma e espírito .

"Tudo o que vem da carne é animal e segue o curso animal : o céu tem pouca influência sobre êle. Só o que vem das estrêlas é especificamente humano em nós e é sujeito à sua influência . Mas, o que vem do espírito, a parte divina do homem, formado à semelhança de Deus, não sofre influência nem da terra, nem do céu " (32) .

Como vimos, o corpo humano é povoado de espíritos, verdadeiras fôrças vitais : são sete as vidas correspondentes a cada um dos sete planetas do corpo humano e que dão cabo do processo biológico . Porem, acima destes processos vitais paira a verdadeira vida, com moradia na alma .

A alma tem no corpo astral o seu receptáculo corporal, o que se enquadra perfeitamente dentro do dualismo constante na obra de Paracelso : o espírito incorpóreo e a matéria . Se como vimos, na sua visão vitalista da natureza não se concebe matéria que não seja impregnada pelo espírito, estes sempre aparecem prêsos a um receptáculo corporal .

Mas, se pelo corpo o homem se assemelha aos animais e se prende aos instintos mais baixos : a concupiscência, a gulodice ou a embriaguez, é pela alma que o homem se destaca da sua condição animal e eleva-se à condição humana . A alma, formado de substâncias etéreas emprestadas ao Astrum, alma dos astros e da terra, cria um laço entre o homem e os astros, cuja influência leva o homem ao conhecimento :

"a alma tem como adjuntos a razão, a sabedoria e a providência " (33).

Porem, se a alma governa o corpo, o espírito, a parte divina do homem, ^{a alma} a alma é que dá ao homem a sua razão de ser :

"O homem foi criado para que o Espírito de Deus tivesse um lugar para morar na carne " (34).

Pois se a alma guia a razão e torna possível ao homem adquirir conhecimento das coisas naturais e assim também um poder sobre elas, é pelo espírito que o homem encaminha-se para Deus, fim supremo de todo cristão :

"O espírito de Deus é eterno e guia o conhecimento divino " (35).

É pela morte que ocorre a diluição e portanto também a integração completa do homem na Natureza : seu corpo, de natureza terrestre, volta à terra ; a alma também mortal retorna aos astros . O espírito, a parte imortal do homem volta ao seu domínio, volta a Deus .

5 - Os motivos humanistas na filosofia de Paracelso .

Se bem que é preciso chegar-se ao século XVII para se ver formulada uma nova concepção da natureza, o Renascimento vê nascer uma nova visão do homem .

O modelo medieval do homem já no seu nascimento

condenado pelo pecado e prêso aos fatos do destino é substituído gradativamente por uma exaltação do individuo que livre constroi séu futuro, que se impõe pela sua própria virtude .

O século XII vê nascer um humanismo precoce na Universidade de Chartres : o homem, objeto e centro da criação é visualizado como o fim mesmo da ciência .

O homem-microcosmo, síntese da criação revela-se como um sêr racional, superior a todos os outros sêres (36).

Mas é na Renascença que a exaltação do individuo torna-se uma constante, adquirindo uma dimensão especial entre os filósofos da Academia Florentina .

É comum a Marsilio Ficino e a Pico de la Mirandola a idéia do homem ocupar uma posição especial na natureza, pela sua própria superioridade intelectual . Porem, se na Idade Média o homem ocupa uma posição determinada na cadeia de sêres, para os humanistas a superioridade humana passa a ter uma conotação essencialmente dinâmica : ela deve ser conquistada e isso depende exclusivamente do individuo . É na virtude individual que está o marco diferenciador do sêr humano . O homem não é mais a excelsa criatura; só pelo seu esforço êle pode chegar à sabedoria (37).

Na obra de Pico, Deus se dirige a Adão :

"Terás o poder de degenerar nas formas mais baixas da vida, que são bestiais . Terás o poder , que surge do juízo da alma de voltar a nascer nas formas mais altas, que são divinas " (38).

A mesma problemática aparece na obra de Paracelso, quando êle coloca o futuro do homem em suas próprias mãos :

"a fortuna provem do trabalho que é por sua vez uma qualidade do espírito : cada homem conforme o seu gênio e seu espírito pode tornar-se hábil e afortunado " (39).

A problemática do homem livre, construtor de sua própria condição, levou a um confronto direto com as crenças astrológicas . Pois, dentro de uma concepção vitalista da natureza, em que cada coisa sofre influências à distância, até que ponto a vida do homem não estará determinada pelo movimento dos astros celestes ?

Se durante a Idade Média a concepção neo-platônica de ser a vontade humana livre encontrou acolhida entre os teólogos cristãos, pelo século XII as árabes renovam as crenças astrológicas da inclinação causada pelos corpos celestes . Na Renascença o uso dos serviços dos astrólogos é uma constante (40).

Os humanistas voltam-se contra a crença astrológica, a favor da liberdade de ação do homem. Marcilio Ficino se bem que não aceite que as estrêlas possam constringir a vontade, aceita uma influência astral sôbre os temperamentos: o homem pode desenvolver sua estrutura espiritual de acôrdo com as exigências de sua mente, porem, a situação psicológica dentro da qual opera a vontade está determinada por influxos astrais e se encontra à mercê das constelações (41).

Já Pico de la Mirandola mostra-se completamente descrente de qualquer determinação astral, reduzindo a influência dos as tros a uma atuação essencialmente material : pelo calor e pe la luz (42) .

Paracelso aborda também o problema da influência astrológica voltando-se contra a crença na determinação da inclinação do indivíduo pelos astros :

"Observai o erro em que incorrem os astrônomos quando dizem que a impressão é de natureza celeste. Isto é notoriamente falso pois o céu não inspira nada em nós, dado que nossa efígie existe já em nós pela vontade e pela mão de Deus . Tudo o que somos ou que queiramos ser, havemos de sê-lo sem nenhum intermediário " (43) .

O caráter das pessoas é concebido assim por Paracelso como independente das conjunções astrológicas, pois " mes mo que não houvessem os astros, as crianças nasceriam igualmente com caracteres diferentes " (44) . O fato porem de os homens já nascerem com uma inclinação que lhe é própria, torna possível, a partir do conhecimento da constelação individual, prever suas obras futuras, que já existem nele desde a sua criação . A previsão astrológica se referiria assim não a uma inclinação do indivíduo por parte dos astros mas a uma manifestação externa de eventos latentes no próprio indivíduo .

Certamente, dentro do universo simpatético de Paracelso os astros influenciam o corpo humano, porem, é uma in fluência que se aproxima da concebida por Pico : é uma ação

material que atinge o homem através do ar que o circunda .

Dentro da problemática da liberdade e da necessidade, uma constante na filosofia do Renascimento, enquadra-se a concepção do homem como um microcosmo . Uma natureza viva, concebida como um organismo estruturado e em que uma simpatia genérica existe entre todas as coisas, é extremamente limitadora em termos do indivíduo . Porém, a concepção de microcosmo, ao mesmo tempo que integra as ligações entre o indivíduo e a natureza, valoriza o homem que é concebido como um pequeno cosmo e portanto dotado de uma estrutura que lhe dá individualidade .

O homem assim, ao mesmo tempo que se relaciona com a natureza, se desliga dela impondo-se como indivíduo livre e responsável por seus atos (45.).

II - O problema do conhecimento

Dentro do Renascimento desenvolveu-se no campo das ciências da natureza uma luta contra o dogmatismo reinante. Em Medicina, a aceitação pura e simples dos conhecimentos galênicos e hipocráticos tornou-se uma barreira a toda pesquisa individual que tentasse introduzir modificações na teoria e prática tradicionais.

Na obra de Paracelso expressa-se claramente esta luta travada entre um empiricismo nascente e o dogmatismo reinante, apresentando-se a volta à natureza como o único caminho possível para se atingir o conhecimento verdadeiro, a verdadeira Arte, em oposição a um conhecimento "imaginoso", "fantasioso", termos estes utilizados por Paracelso quando se refere à Medicina de seu tempo.

"A arte ou seja pela sabedoria, pela razão e pela inteligência reunidas, atua em e pela verdade e se baseia sobre a experiência. Os que se dão à fantasia carecem de base já que a opinião pré-concebida só é uma forma de ambição de dar-se a conhecer ao seu redor, pela força de sustentar as mais insólitas afirmações" (1).

Aparece ai bem diferenciada a procura do conhecimento verdadeiro, a Arte Médica, da utilização da medicina em termos da manutenção de uma posição social privilegiada. A essa ressalva de caráter ético, acrescenta-se uma nova orientação epistemológica: é na natureza que o médico deve procurar as bases de seu conhecimento, pois nenhuma ciência

emana diretamente e exclusivamente do homem: é preciso que o homem relacione-se com o mundo exterior, que não se feche dentro de si mesmo para não perder-se em conjeturas, que só podem conduzir a um conhecimento fantasioso.

Para uma compreensão do método de pesquisa de Paracelso, não basta no entanto simplesmente colocar a valorização de um empirismo: é preciso penetrar no significado que o empirismo adquire dentro de sua obra tendo em vista a sua concepção de homem e natureza e da possibilidade de acesso do homem aos segredos da realidade.

Partindo de uma crítica aos médicos que escrevem e falam sem ter uma base empírica, Paracelso prega uma volta da Medicina à experiência sensível. Porém, esta experiência certamente não pode ser voltada simplesmente para o corpo humano, já que o microcosmo é um "espelho dos quatro elementos", já que o corpo humano é parte de uma realidade única e que compreende o mundo exterior:

"Como pode o médico conhecer ao homem, no qual está contido todo o céu e a terra, se não conhece o Firmamento, os Elementos e o mundo?" (2).

Desta forma, a experiência para Paracelso, apesar de ser concebida como baseada em uma percepção sensível do mundo exterior, deve orientar-se não no sentido da apreensão de fatos isolados, já que não existem fatos isolados, mas deve voltar-se para uma apreensão da natu-

reza total, da totalidade das coisas, sem o que o conhecimento será parcial. A apreensão de partes isoladas da realidade não pode levar ao conhecimento verdadeiro desta realidade.

"Se o médico encontra no homem uma doença, êle deve instruir-se, experimentar fora. Impossível de reconhecer a doença examinando somente a séde onde ela se desenvolve" (3).

O conhecimento genuino da realidade está baseado na apreensão da plenitude desta realidade. Mas como apreender esta plenitude simplesmente pela enumeração de fenômenos particulares?

"O médico, para estudar o homem deve ter todos os homens presentes em seu olhar, do primeiro ao último homem. Todas as doenças estão no conjunto dos homens e cada indivíduo tem sua doença própria. Uma vez que o médico deve curar todos os homens, como pode êle fazê-lo, se êle não conhece senão um, dez ou cem?... É o mundo que deve portanto dar o homem. Pois o homem que se conhece a partir do grande mundo, possui em si todas as doenças, passadas e futuras" (4).

É o conhecimento do homem como modelo da humanidade mesma, ao qual não se pode chegar simplesmente pela enumeração de um grande número de eventos: mesmo que se considere uma gama extensa de indivíduos, é impossível daí induzir o que realmente seja o homem. Pela observação do homem isolado é possível ao médico conhecer um homem

ou mesmo vários homens, mas certamente não conhecerá o homem e não poderá compreender assim o que seja a doença. Conhecerá doenças mas não a doença, o processo mórbido em si mesmo, suas causas e seu desenvolvimento.

O caminho proposto por Paracelso é assim uma experiência voltada para o mundo exterior:

" O homem é a imagem dos quatro elementos em um espelho. Nada pode ser aprendido d'ele apenas; o caminho vem apenas do ser exterior cuja imagem o homem é" (5).

É a partir da constelação celeste que se infere a constelação oculta no homem, ambas manifestações de uma mesma realidade. Um conhecimento que parte do que é visível aos nossos olhos para chegar ao invisível.

Por outro lado, a procura da apreensão da totalidade torna extremamente extensa a tarefa do médico e reflete-se completamente na própria vida de Paracelso, que não se limitou a aprendizagem nas universidades e partiu atrás de toda fonte de conhecimento em suas infindáveis viagens: teve contato com velhos, feiticeiros, parteiras, etc.

"É preciso procurar, percorrer a terra e aprender muita ciência e quando nós tivermos uma experiência universal devemos guardar o que é bom" (6).

É uma pesquisa sem fim, que deve durar da juventude à velhice e mesmo assim muitos segredos permanecerão ocultos ao homem:

"Já houve uma época em que os homens viviam até noventa anos e assim podiam possuir muitas destas coisas ignoradas, escondidas. Assim, há hoje na natureza muito mais coisas ocultas que conhecidas" (7).

Por estranho que parece para nós, esta crença de que em tempos remotos a humanidade tivera acesso a conhecimentos que depois se perderam é extremamente comum nos escritos herméticos.

A natureza apresenta-se assim na obra de Paracelso como a verdadeira mestra do médico: é no contato constante com a natureza que o médico encontra o caminho da verdadeira arte da cura.

"O médico é um servo da natureza e não seu mestre. A medicina deve seguir a vontade da natureza e trabalhar com ela e não de modo superficial" (8).

Se bem que o médico seja uma síntese das coisas criadas e tenha portanto uma posição privilegiada frente aos outros seres, no tocante à obtenção ao conhecimento, a posição do homem é de submissão frente à natureza, que aparece como intermediária entre o homem e Deus e mais do que isso, como o instrumento da graça divina, a partir da qual o homem pode adquirir o domínio das artes. Sim, pois as artes devem ser adquiridas pelo homem, êle deve descobri-las:

"Apesar do homem ter sido criado como um todo em relação ao corpo, não o foi em relação à sua arte. Todas as artes lhe foram dadas, mas não

em uma forma reconhecível imediatamente; êle deve descobri-las pela aprendizagem "(9)".

Esta necessidade de trabalhar para adquirir conhecimento aparece, para Paracelso, como uma consequência da queda do homem: Adão no paraíso é intrinsecamente conhecedor da natureza, para êle não há segredos, pois êle está indissoluvelmente unido à natureza. É a queda do homem no pecado que o condena, para sempre, a lutar não apenas para sobreviver, mas também para apossar-se das artes. No ato de expulsão de Adão do paraíso nasce o "homem interior", o "homem da segunda geração", que participa da mesma realidade do mundo exterior, mas existe, como indivíduo, separado d'êle. Desde então o homem deve lutar pelo conhecimento:

" O conhecimento necessário ao homem não foi dado a Adão senão depois de sua expulsão do paraíso. Os anjos, então, o instruíram, mas êles não lhe ensinaram tudo. Adão e seus filhos foram constrangidos a adquirir os conhecimentos na luz natural, uns após os outros, afim de que se revelasse o que está escondido em todas as coisas" (10).

O conceito de luz da natureza é extremamente importante dentro da problemática do conhecimento, em Paracelso. Sem que defina explicitamente o termo, Paracelso o utiliza extensamente. Pelo caráter eminentemente analógico das suas obras, adquire uma importância muito grande o próprio termo utilizado por Paracelso para expressar o

veículo do conhecimento: a luz da natureza. Luz, iluminar, tornar claro, tornar visível o que é invisível. A luz da natureza é o instrumento mesmo que o homem tem à sua disposição, quando êle se orienta à procura das virtudes ocultas, segrêdo último de todas as coisas. A luz da natureza leva ao desvendamento dos segrêdos das coisas naturais.

"Cada dia, a natureza brilha com uma luz do Espírito Santo e aprende dele e esta luz alcança o homem como em um sonho... Tudo que vem da luz da natureza deve ser aprendido da luz da natureza, exceto somente a imagem de Deus que é aprendida do espírito que Deus deu ao homem" (11).

Há neste texto uma separação nítida entre os fenômenos naturais, materiais e os fenômenos sobrenaturais, espirituais. A luz da natureza é somente fonte do conhecimento dos fenômenos naturais e portanto o caminho que diz respeito ao médico. O conhecimento de Deus, finalidade suprema para todos os homens no entanto, deve seguir o caminho do Espírito, a revelação. É importante notar assim uma separação entre os métodos da ciência natural e da teologia e a colocação da possibilidade de um estudo dos fenômenos naturais, que pode ser efetuado paralelamente à atividade religiosa.

Paracelso, no texto citado, apresenta ainda a idéia de ser o conhecimento vindo da luz da natureza, como que uma espécie de intuição, uma iluminação que atinge o homem, porem, que é baseada em uma certa disposição do homem frente à natureza: uma espécie de conhecimento guiado

pela intuição e desenvolvido pela experiência (12). E pela luz da natureza, o homem atinge o conhecimento das diversas artes: astronomia, alquimia, medicina, filosofia, teologia, belas artes, poética, música, geomancia e outras.

Aparece especificamente na obra de Paracelso, o papel desempenhado pelas estrêlas na aquisição de habilidades que elevam o homem acima da sua natureza animal:

"As estrêlas nos ensinam todas as artes que existem na terra: Venus nos ensina a música, Marte os ofícios e se as estrêlas não fossem ativas em nós e se fossemos compelidos a descobrir tudo em nós mesmos, nenhuma arte existiria" (13).

O conhecimento que o filósofo da natureza pode adquirir enfim, consiste no tornar "visível" o que é "invisível", por meio da luz da natureza. Como a luz do sol torna visíveis aos nossos olhos carnis, coisas ocultas pela obscuridade, a luz da natureza torna as coisas visíveis aos nossos olhos internos.

O caminho do conhecimento parte do que é conhecido para o ainda desconhecido:

"A luz da natureza, partindo do visível, penetra no invisível e graças a ela o invisível é visível... O que nossos olhos vêm na metade visível do mundo não tem necessidade de demonstração pois os olhos vêm o grande mundo e o inserem na filosofia visível dos olhos... Já quanto ao mundo invisível é preciso um grande trabalho para levar o invisível para o visível" (14).

O visível aos olhos é considerado como conhecido, fazendo parte assim da experiência adquirida, o que revela em Paracelso uma concepção de conhecimento muito em voga no Renascimento e que consiste muito mais numa intuição da Natureza do que de um raciocinar sobre ela⁽¹⁵⁾.

Porem, aparece em Paracelso uma preocupação por um conhecimento que vá muito além do senso comum e que não se prenda simplesmente a fenômenos visíveis aos nossos olhos.

"Deus criou a luz da natureza para que nossos olhos não sejam simplesmente satisfeitos mas que também nós nos espantemos e apliquemos nossa pesquisa no que nossa vista não agarra mas que existe" (16).

Isto se torna necessário visto que o mundo visível é apenas metade da realidade.

Porem, a cada fenômeno corresponde uma luz que o torna visível, é só uma questão de encontra-la.

"Não pode existir nenhuma verdade fundamental que não tenha recebido a sua luz da Natureza... o fogo provará por sua vez as três substâncias, mostrando-as a nú, puras, limpas e simples" (17).

Trata-se assim de procurar qual a verdade última que se encontra por tras das aparências, do mesmo modo que pelo fogo se desvenda a unidade de todas as coisas, que se esconde por trás da multiplicidade sensível. Sem dúvida, esta é uma pesquisa prolongada, que foge do alcance

comum das pessoas, que se prendem ao que seus olhos vêm, à face mais superficial da realidade.

Cabe porém ao médico penetrar no mais profundo dos segredos, as virtudes de cada coisa, já que tudo existe na natureza para o propósito do homem:

"Não é vontade de Deus que seus segredos sejam visíveis; é sua vontade que êles se tornem manifestos e conhecidos pelo trabalho do homem, que foi criado para torna-los visíveis" (18).

É desta forma que não existe nada na natureza que esteja completamente oculto, tudo foi criado com marcas externas, visíveis sobre as quais se baseiam as artes adivinatórias como a fisiognomonia, a quiromancia, etc.

Se a apreensão das virtudes ocultas se faz por uma intuição:

"A alma não percebe a construção física externa ou interna das ervas e raízes, mas ela intuitivamente percebe suas potências e virtudes" (19).

É pelo uso constante de analogias que Paracelso busca a apreensão da natureza na sua totalidade, em contraposição a uma atitude analítica que necessariamente seria fragmentada. Esta busca de uma expressão gráfica e simbólica coloca-se na Renascença como um caminho, visto a insatisfação existente para com a expressão abstrata do pensamento (20).

"O mundo exterior ensina e mostra as enfermida

des do homem: o homem não as revela por si mesmo: se se ignora o crescimento da ferrugem no ferro, também se ignora os agentes das úlceras; sem conhecer as causas do tremor de terra, não se conhece as causas dos resfriados, etc" (21).

O que encontra a sua base na crença de que o que existe é uma só realidade que se manifesta em formas diferentes: o processo de enferrujamento é na verdade o mesmo processo que o de formação de úlceras, manifestando-se no entanto em matérias distintas.

Por outro lado, a base do conhecimento em Para - celso encontra-se na propria semelhança existente entre o homem e o mundo exterior o que torna possível uma identificação entre o investigador e o objeto de sua investigação:

"Para tirar a medicina (remedio) da terra, é preciso que o médico seja terra êle mesmo, antes que homem" (22).

É neste ato de união, de identificação do homem com o objeto que se torna possível a compreensão das virtudes ocultas, o que só é possível pelo fato mesmo do homem conter em si todas as virtudes existentes na natureza. Se o médico quer descobrir como se dá a ação terapêutica de uma planta, êle deve "surprender" o seu mecanismo interno, deve adquirir a "ciência" intrínseca à planta e que ensina-a a por em ação a sua virtude (23).

III - A obra médico-patológica de Paracelso

Nos escritos médicos de Paracelso transparecem todos os sinais da luta intensa travada por êle contra os médicos galenistas e avicenistas, representantes da grande maioria da classe médica de seu tempo. Sua obra é a de uma pessoa orgulhosa de seus conhecimentos e que se dispõe a torna-los conhecidos, certo da necessidade de uma renovação da prática médica. Ao mesmo tempo, no entanto, é a obra de uma pessoa já alquebrada pelos inumeros revezes sofridos em sua profissão. Realmente, sua obra foi escrita nos últimos 10 a 12 anos de sua vida (se bem que nos últimos 5 anos Paracelso tenha se voltado intensamente para uma problemática religiosa), um periodo de constantes sofrimentos e perseguições, consequências da luta anteriormente travada contra a Medicina estabelecida.

Se por um lado mostra-se seguro dos resultados alcançados:

"Pouco me importa que me critiquem de apaixonado ou de ignorante. Eu sei que a habilidade ou o grau de arte ou ciência que se chega a possuir em Medicina, poderá se medir pelo grau de estima e proveito que minhas obras e ensinamentos tiveram" (1),

o desânimo frente a uma barreira que nem mesmo os resultados positivos obtidos na prática médica conseguem transpor, se revela constantemente:

"Se minha unica arma contra vós, fosse o teste

munho dos doentes, grande seria a minha reputação no reino (da medicina)" (2).

Seus escritos, de modo geral, iniciam-se com prefácios em que Paracelso justifica a obra, colocando-a dentro de uma necessidade da prática médica, critica agressivamente a classe médica e ao mesmo tempo apresenta-se humildemente frente aos seus leitores, pedindo-lhe atenção:

"O fato de que, apesar destes resultados, continuam a desencadear-se contra mim os mais furiosos rancores, me obriga a dizer-te, amigo leitor, que não deves emitir teus juízos muito rapidamente e que deves seguir tua leitura além do primeiro, segundo e ainda terceiro capítulo, até o fim da obra. Só então te peço que compares os resultados de tua própria experiência com o que eu exponho nestas poucas páginas" (3).

A sua preocupação mostra-se completamente justificada quando lembramos que por cerca de 100 anos após a sua morte, a sua obra médica permaneceu praticamente esquecida.

Em suas críticas a Medicina de sua época, Paracelso volta-se constantemente contra o dogmatismo reinante:

"Eles (os médicos) afirmam que "Galeno disse", "Avicena disse" e creem ter alcançado a verdade. Porém, primeiro é preciso estabelecer a ve-

racidade de um autor, sua exatidão, sua infabilidade, para que possamos dar o mesmo valor a suas afirmações" (4).

Certamente esta posição implica na necessidade de uma prática médica a partir da qual o médico possa colocar-se criticamente frente aos textos antigos. E mais do que isso, a Medicina é um campo aberto de pesquisas; muitos segredos ainda esperam por serem desvendados.

"Como se pode pensar e dizer que a Medicina foi revelada toda inteira e que o que não foi escrito, não será jamais descoberto?" (5).

As críticas de Paracelso à teoria humoralista, no entanto, têm bases que se radicam na sua concepção cosmo-antropológica de uma mesma realidade que se manifesta no microcosmo e no macrocosmo. Esta concepção fez com que Paracelso procurasse compreender o corpo humano na sua integração com o mundo exterior de que ele é reflexo. Já a teoria humoralista

"consiste em julgar sem valor a impressão, a influência, os frutos e os minerais, ela os faz uma parte inútil da medicina e os substitui pela especulação sobre os humores. Ela pensa que nenhuma filosofia e nenhuma arte exterior são necessárias ao corpo doente" (16).

Realmente, a teoria dos humores prende-se essencialmente a uma concepção do corpo humano tomado em si, na sua constituição fisiológica baseada sobre humores e qualidades existentes no organismo humano. Paracelso não descar

ta completamente os humores e as compleições que êle consi-
dera como existentes no corpo humano sendo porem secundá-
rio o seu papel. Paracelso volta-se para o macrocosmo onde
se encontra o segrêdo da constituição do homem.

"Eu tenho contra mim uma legião de médicos que
se recusam a saber e conhecer os pais do homem,
que querem tirar a sua arte da imagem morta que
aparece no espêlho, que colocam e baseiam seus
princípios nas suas divagações, que levam seus
debates, que dão nomes, que analisam cada caso
com métodos que não têm, em nenhuma filosofia,
nem pé nem cabeça. E os nomes que êles tiram,
colera, fleugma, melancolia, sangue, não repou-
sam senão nas especulações as mais vagas. Pois
quem já viu a cólera na natureza?" (7).

Assim, apenas baseado em uma concepção correta
do organismo humano e de sua correlação com o cosmo como
um todo pode o médico erigir uma teoria médica. Prega as-
sim uma volta à observação da natureza, à cabeceira dos
enfêrmos, se bem que se coloque frontalmente contra a prá-
tica de dissecação de cadáveres. Parece refletir-se nesta
oposição a sua concepção biológica do corpo humano, em que
espíritos vitais são responsáveis pelos processos orgâni-
cos.

"Os médicos não devem ser meras cópias dos pás-
saros dos bosques e limitar-se a dissecar cadá-
veres de ladrões e criminais, nem tão pouco,
como uma nova espécie de loucos, ir-se a descan-
sar, sabendo cada vez um pouco menos, depois de

haver examinado e revolvido tudo, asfixiados entre excrementos e corpos insepultos" (8).

A luta de Paracelso contra o humoralismo, base do ensino médico, era na verdade a luta contra todo o sistema universitário de ensino médico. Referindo-se aos médicos francêses e italianos e mais especificamente aos de Montpellier, Salerno e Paris, Paracelso diz:

"Devo dizer-lhes que nenhum dêles sabe nada e que só são capazes de traduzir sua arte em palavras vazias e em artificiosos prestígios, o que não deixa de ser pura charlatania" (9).

Estas críticas adquirem uma importância especial, quando lembramos estarem estas três escolas entre as mais importantes da época.

Mas suas críticas não se referem simplesmente ao conteúdo da teoria médica galênica e à prática médica precária. Voltam-se também para a ética profissional, contra a imoralidade profissional e a ganância dos "chapéus vermelhos", com suas roupas suntuosas, com seu alto padrão de vida.

"Êles se tornam médicos contra sua própria consciência, êles esquecem a sua alma, êles querem somente se apropriar e obter riquezas, casas, bens e o resto, sem se ocupar se têm ou não mérito, contanto que êles o tenham" (10).

Dentro desta conotação, as críticas de Paracelso ganham um cunho social o que certamente fortaleceu a reação dos médicos. Como notou Guy Bechtel (11), Paracelso

se colocava contra uma medicina de privilégios, destinada aos privilegiados. Esta posição revolucionária valeu -lhe o apelido desmoralizador de "Lutero da Medicina" contra o que Paracelso se voltou, procurando mostrar a particularidade de sua luta. Porém, êle tem consciência da amplitude que suas críticas adquiriram, quando se lamenta contra os que lhe querem mal:

"Êles não se servem somente daquilo a que a mi nha Medicina se refere, mas também excitam con tra mim a populaça ignorante que não conhece o fundo destas questões e que êles levantam contra mim, para o seu proveito, fazendo - os trocar da ajuda que eu lhes trago" (12).

1 - As bases da Medicina

É no livro Paragranum que Paracelso descreve os quatro pilares sôbre as quais repousa a Medicina: a Filosofia, a Astronomia, a Alquimia e a Virtude. Esta obra foi escrita por 1529-1530, precisamente o período de maior atividade criadora de Paracelso. Basicamente são textos de orientação da pesquisa médica, com a finalidade de alcançar uma prática mais eficaz. No prefácio do livro, Paracelso coloca a sua convicção de estar expondo verdades superiores a tôdas as escritas até então e isso justamente por repousarem em uma experimentação avançada e uma experiência original.

O ponto de partida é certamente a concepção cosmo-antropológica de Paracelso. Devido ao próprio relacionamento homem-cosmo, é colocado como básico que o médico adquira um conhecimento profundo da natureza: estão aqui os dois primeiros pilares da Medicina: a Filosofia e a Astronomia, referentes às duas esferas em que a natureza se apresenta: a esfera inferior e a esfera superior.

"A primeira coluna é a Filosofia tôda inteira, da terra e da água. A segunda a Astronomia e a Astrologia que levam ao conhecimento perfeito dois dos elementos, do ar e do fogo. A terceira é a Alquimia tôda inteira, com todas suas preparações, todas suas propriedades e toda sua arte pela qual ela domina os quatro elementos. Que a quarta coluna seja a Virtude e que ela more na

Medicina até a morte, encerre e sustente as três outras colunas" (13).

Filosofia e Astronomia

Que o conhecimento do mundo exterior seja básico para o médico, vem do próprio fato do homem ser "um espelho, um reflexo dos quatro elementos". Se bem que a esfera superior e a inferior apareçam como dois campos separados de pesquisa, a Filosofia e Astronomia, trata-se na verdade de uma só realidade correspondendo a uma Filosofia natural do mundo dos quatro elementos. O conhecimento de filósofos é em essência idêntico ao dos astrônomos, e os dois campos devem se integrar em um conhecimento total:

"o astrônomo deve ser ao mesmo tempo um filósofo do céu e do ar e o filósofo deve portanto conhecer a ciência do astrônomo e vice-versa" (14).

E sendo o homem quádruplo na sua forma e na sua composição, a arte da Medicina não pode abster-se do conhecimento desta composição. Intensamente voltado para o problema do homem, Paracelso coloca mesmo que a finalidade da Filosofia e da Astronomia é o próprio homem:

"O médico é um astrônomo interior e um filósofo interior, nascido da astronomia e da filosofia exteriores" (15).

É a partir do ver e do tocar que se alcança o conhecimento da natureza, pela luz da natureza a graça de Deus nos atinge. Mas a natureza é a verdadeira escola do médico

porque

"ela mesma é a doença e somente ela sabe o que a doença é. Somente ela conhece as deficiências da doença. Somente ela pode curar" (16).

A natureza conhece todas as coisas e por isso mesmo qual preceptor é melhor que a natureza? Na natureza o médico encontra não apenas a causa como também a cura de todas as enfermidades: é lá que êle deve buscar e não no corpo do homem.

"Visto que portanto o médico deve sair da natureza, que diferença pode existir entre a natureza e a filosofia? Que é a filosofia senão a natureza invisível?" (17).

É a própria identidade do ser e do conhecer, a crença na possibilidade do conhecer simplesmente partindo do ser. A filosofia, a consciência que a natureza tem de si mesma identifica-se com a natureza invisível, com a natureza oculta. E o médico é o intermediário da natureza: a natureza com sua vida e criatividade, com seu tornar-se doente e seu superar a doença, alcança a consciência de si mesma no médico filosófico (18).

A Alquimia

A arte da Alquimia é apresentada por Paracelso como uma escola preciosa para o médico. A sua concepção de processo alquímico está muito além da simples transmutação de

metais: êste t rmo engloba toda uma gama de processos elaborados pelo homem que permitem às coisas atingirem o ponto que a natureza lhes assinalou: "Alquimista   o padeiro que cozinha, o vinhateiro que prensa, o te el o" (19).

Esta concep o de uma arte pela qual o homem acelera o processo natural de aperfei amento contínuo de todas as coisas está baseada na crença de que nada na natureza   criado como " ltima matéria", no seu estado de perfei o. A Alquimia   a arte pela qual o impuro   transformado no puro.

A forma mais perfeita deste processo certamente está quando Vulcano, o poder transformador do fogo leva o homem   descoberta da realidade oculta:

"O fogo prova todas as coisas e sempre, ao separar as impurezas acaba fazendo aparecer as três substâncias puras... porque estas três coisas, estes três princípios, não são perceptíveis aos olhos dos rústicos, e não se deixam captar facilmente, sendo justamente o fogo o que suspenderá a obscuridade que os encobre, expondo-os nitidamente aos nossos sentidos" (20).

  Vulcano, com seus processo de transmuta o, fixa o, redu o, transposi o, etc um verdadeiro mestre para o médico.   a redu o   " ltima matéria", atingida por meio do fogo que vai revelar ao médico as virtudes ocultas na matéria.

"Aprende pois a Alquimia e ela lhe ensinar  a discernir o falso do verdadeiro. Com ela possui-

rás a luz da Natureza e com ela portanto poderás provar todas as coisas claramente, discorrendo - as de acôrdo com a lógica e não pela fantasia" (21).

É em verdade na prática médica que a Alquimia adquire uma importância primordial para Paracelso. O poder transformador do fogo aparece mesmo como o único caminho para a revelação das virtudes escondidas no fundo das coisas naturais.

"Para que a tua medicina (remédio) tenha efeito, a natureza te indica ela mesma a via pela qual tu deves conduzir os teus esforços. É preciso faz-la morrer como o sol faz morrer as peras e as uvas, para que ela tenha uma ação favorável" (22).

É o próprio processo alquímico de morte e ressurreição que transparece nesta frase. É o grande mistério pelo qual uma coisa perde completamente a sua forma, para crescer depois do nada e tornar-se algo cuja potência e virtude é mais nobre do que no comêço.

A virtude

É a virtude uma base que sustenta as três outras, expressão de uma revalorização da prática médica em termos que se aproximam da prática hipocrática. Na verdade, esta valorização da ética médica é expressão por seu lado, da religiosidade de Paracelso que concebia a Medicina como nascida de Deus:

"O médico e a Medicina são unicamente presentes para serem intermediários pelos quais o doente experimenta e vê com seus sentidos o amor e a misericórdia de Deus" (23).

É uma prática elevada que se aproxima do apostolado: o médico deve não apenas conservar uma pureza e pudor, como também deve devotar-se aos enfermos: frequentes visitas, uma aproximação do doente são necessárias. A própria fe coloca-se como virtude do médico já que a arte se origina de Deus.

Todas estas qualidades no entanto não estão baseadas senão na consciência do dever que repousa no conhecimento da arte pois certamente para cumprir a tarefa de intermediário de Deus, o médico deve possuir uma arte que repouse somente na verdade e "em uma verdade plena de consciência, não em uma arte sem esperança, mas numa arte plena de consciência" (24).

2 - A Patologia

I - O processo mórbido

É na concepção do estado mórbido e da terapêutica que a Medicina de Paracelso se concretiza; é nestes campos que o conhecimento sendo utilizado, adquire significado.

Partindo da crença em que "as causas das doenças são naturais" (25), Paracelso erigiu toda uma nova teoria patológica, com concepções que se opoem ao humoralismo. Certamente o seu ponto de partida está no grande mundo, o pai do homem:

"Se o médico quer conhecer ao homem e às suas enfermidades, deve começar por descobrir as enfermidades de todas as coisas universais que a natureza padece no grande Mundo ou Macrocosmo, e que são as que em definitivo dão ao homem seus sofrimentos" (26).

Os humores mesmo existindo na concepção de Paracelso do corpo humano, deixam de ocupar um papel central na sua Patologia. Mesmo que possam ocorrer desequilíbrios humorais durante o processo mórbido, os humores não explicam as causas das doenças

A teoria paracelsiana do processo mórbido, pela qual "é verdadeiramente nestas três substâncias (Enxôfre, Mercúrio e Sal) onde se assenta a razão das enfermidades" (27), está exposta no segundo livro Paramirum, es-

crito entre 1530 e 1534. As três substâncias primárias, verdadeiros principios componentes de todas as coisas, aparecem assim na base do processo mórbido material. O segundo tipo de doenças, as espirituais não se enquadram dentro desta concepção.

O processo mórbido que ocorre no organismo vivo é concebido por Paracelso como um processo de desagregação dos componentes do corpo, o que para êle corresponde a uma degradação que ocorre no corpo humano. É a perda da unidade e que aparece relacionada com a própria queda do homem pelo pecado: é quando Adão sai do paraíso que se torna triplo, composto de corpo, alma e espírito. É aí também que se torna suscetível à doenças: as doenças para Paracelso se originam quando no corpo humano tornam-se possíveis as desagregações.

"Enquanto se mantenham com vida o Enxôfre, o Mercúrio e o Sal, os homens não enfermarão, caindo em tal estado quando estes elementos se dissolvem" (28).

Enquanto a harmonia reina, as três substâncias não se revelam, elas permanecem ocultas aos nossos olhos, como na madeira que só pelo poder do fogo revela a sua realidade última.

O processo patológico ou processo de dissolução ou desagregação das três substâncias no corpo humano, adquire uma conotação essencialmente alquímica:

"ocorrerá que uma (substância) se corromperá, ou tra se inflamará, outra se dissipará de um ou ou

tro modo" (29).

Os três princípios, revelar-se-ão pelas propriedades correspondentes a cada um:

"corresponderá designar ao Enxôfre tudo o que seja sulfuroso e capaz, por êle mesmo, de arder; ao Mercúrio o que suporte a sublimação e ao Sal tudo quanto possa reduzir-se finalmente a sal" (30).

Só a partir de uma observação rigorosa dos sintomas o médico poderá saber a que substância a doença corresponde.

A cada uma das três substâncias correspondem processos alquímicos determinados: o Enxôfre necessita o estímulo de uma chispa de fogo. Quando sôbre qualquer um dos enxôfres: resina, goma, graxa, manteiga, azeite, aguardente, etc, cai o fogo se realiza a matéria pecante e se inicia o processo mórbido (31).

Já o Mercúrio necessita de um estímulo exterior para poder se separar por uma destas três vias: distilação, sublimação ou precipitação. Podem ser várias as formas de calor que iniciam o processo alquímico: calores passageiros, calor do movimento do corpo, calor dos astros e a cada um dos processos de separação correspondem determinadas enfermidades:

"A distilação conduz à morte repentina em todos os seus aspectos; a precipitação introduz a gôta nos pés, nas mãos e nas articulações, determinando finalmente a sublimação, o frenesi e a

loucura. O mercúrio tornado sutil, penetra nas carnes e nos ossos, escapando e exsuando não apenas pelos póros como também por todos os pontos débeis, através dos quais se forjam diversos caminhos. Assim nascem as fístulas, pústulas, enfermidade francêsa. a lepra e outras semelhantes" (32)

A semelhança deste mecanismo com um mecanismo de obturação e de flutuação de vapores que faz com que a tampa de uma panela fechada salte e se abre, e portanto a própria compreensão do mecanismo do processo mórbido iniciado pelo Mercúrio são alcançadas a partir da própria analogia dos sintomas visíveis.

Do mesmo modo que as duas outras substâncias, o sal pode iniciar o processo mórbido: o sal, bem como o Espírito do Vitriol, do Alumbre, do Tártaro e do Nitro se manifesta tumultuosamente ao ser dissolvido, ou seja pela resolução (33). A liberação do Espírito do Sal é que dá origem às chamadas doenças tartáricas:

"O Tártaro não é senão o excremento das bebidas e comidas, coagulado por meio do espírito do homem. Dêle resulta que se estes excrementos se desagregam, desperdiçando assim a sua potência expulsiva e permanecem no organismo, engendram o Tártaro" (34).

Esta sedimentação pode ocorrer assim nos próprios lugares em que ocorre a nutrição do organismo. Como pela concepção fisiológica de Paracelso, cada órgão é dota

do de um Archeus, um alquimista que separa o puro do impuro e procede à nutrição do órgão, o processo de formação tartárica pode ocorrer em qualquer órgão cujo Archeus não consegue expelir o excremento que é então coagulado pelo Espírito do sal. As doenças tartáricas: cálculos, areias, sedimentos e viscosidades ocorrem assim na bôca, na entrada do estômago, nos outros órgãos do aparelho digestivo, e mais raramente em órgãos como o coração e os pulmões.

A concepção ao processo mórbido como localizado, como crescendo a partir de uma séde, uma matriz sôbre o qual o princípio mórbido atua, foi introduzido pela primeira vez por Paracelso:

"a doença tem uma raiz, a partir da qual ela cresce, como a erva tem uma semente que diminui, morre e cresce novamente" (35).

Como vimos, o processo mórbido era concebido pelos hipocráticos e galenistas como um desequilíbrio dos elementos formadores do organismo: não havia doença em si mas em estado doentio. Na concepção de Paracelso, ocorre também um processo de desagregação que libera um dos três princípios que atuando sôbre uma matéria, a sede da enfermidade, concretiza as transformações mórvidas. Note-se que a anatomia patológica só tem início em 1761 quando Morgagni publica seu livro "De setibus et Causis Morborum per Anátomen Indagatis" em que êle apresenta sua conclusão, a partir de autópsias, da doença poder ser localizada: ela tem uma séde, reside em um órgão (36).

Paracelso coloca, por outro lado, a necessidade

de se diferenciar a "anatomia" do homem enfêrmo da do ho-
mem são. A palavra anatomia aparece na obra de Paracelso
com o significado de uma estrutura formal ou então vital
que pode ser atribuída a cada homem. Êle distingue três
anatomias:

1º) Anatomia local - que indica a efígie do ho-
mem, sua proporção e natureza e tudo quan-
to a êle se relacione; corresponde ao que
chamamos formação anatômica.

2º) Anatomia material - que se ocupa das três
substâncias em cada membro, em suma do pro-
cesso fisiológico.

3º) Anatomia da enfermidade - que dá a morte,
assim como a natureza e a efígie pelos
quais sobrevive (37). Que corresponderia a
uma formação que chamariamos anatômica e
fisiológico distinta da do homem são. O que
introduz assim um novo elemento para a con-
ceituação da enfermidade como uma entidade.

2 - As Entidades

A concepção exógena da doença completa a Etio-
logia de Paracelso: não basta ao médico saber da existên-
cia de um processo mórbido; é preciso compreender como

se iniciou o processo. A passagem do corpo são ao doente , a ocorrência da dissociação das substâncias necessita um agente que dê início ao processo. É neste esquema que se colocam dentro da teoria patológica de Paracelso as cinco Entidades, cinco Ens, que produzem e engendram todas as doenças. É o primeiro dos livros Paramirum que apresenta a teoria sistematizada das Entidades:

"As Entidades são diretoras, moderadoras e coordenadoras do nosso corpo" (38).

As cinco Entidades são consideradas como cinco origens completamente independentes, bastando que uma delas se manifeste para engendrar todos os males, o que implica que qualquer enfermidade específica pode ser engendrada por qualquer uma destas Entidades, o que cabe ao médico descobrir.

A teoria das Entidades introduz na Patologia de Paracelso as diversas impressões e influências que o homem pode sofrer, tanto em seu corpo elementar como na sua parte espiritual, o espírito do corpo. É estabelecida assim uma diferenciação entre doenças materiais e doenças espirituais e seus agentes específicos

- as doenças materiais, que possuem e modificam a côr e se nutrem das três primeiras Entidades: Entidade astral, Entidade dos venenos e Entidade natural;
- as doenças espirituais, não impregnadas de

côr material e emanadas das duas últimas entidades: Entidade espiritual e Entidade divina (39).

Dentro do esquema de separação dos fenômenos naturais de fenômenos sobrenaturais, Paracelso separa as Entidades em Entidades do estilo pagão: os quatro primeiros e a Entidade divina que é considerada de estilo cristão.

- A Entidade dos astros - Ente astrorum

"Nosso estado de saúde depende do curso do mundo exterior. Nós lhe somos entregues e estamos expostos e entregues a suas doenças e à sua saúde. Já que nós somos seus prisioneiros é preciso conhecê-lo e a ele só" (40).

O homem é um prisioneiro do mundo exterior, de cuja impressão não pode fugir: a força que os astros encerram atua constantemente sobre nosso corpo e por isso mesmo é a mais importante das Entidades.

A ação dos astros não se faz por qualquer elemento corporal mas sim consiste em um processo de contaminação que atinge o homem por meio do ar que nos rodeia:

"A entidade astral se compõe do olor, da respiração ou vapor, e do suor das estrêlas misturado com o ar" (41).

A influência astral assim, atingiria o homem por uma espécie de envenenamento cujo efeito não seria sempre negativo, mas dependeria de uma certa disposição do ho

mem frente a esta influência:

"quando o temperamento do homem, segundo seu sangue natural, for oposto ao halito astral, sobrevirá a enfermidade, não sofrendo inconveniente algum em caso contrário. ou bem quando possua um temperamento forte e nobre, cujo sangue generoso lhe baste para vencer o malifício ou quando, finalmente, tenha tornado uma medicina (remédio) que o capacite a resistir aos vapores venenosos dos seres superiores" (42).

Dentro da Patologia paracelsiana, tendo - se em vista a concepção simpatética do Universo, a Entidade dos astros aparece certamente como a mais importante desencadeadora dos processos mórbidos.

- Entidade dos venenos - Ente veneni

A segunda Entidade também corresponde a uma atuação do mundo exterior sobre o corpo humano. A necessidade de alimentação faz com que o homem ingira corpos exteriores, o que corresponde a um constante relacionamento material entre o homem e o macrocosmo. Se bem que o corpo humano seja constituído dos mesmos elementos que compoem os alimentos, a ingerência de alimentos traz o bom e o mau misturados:

"Se a perfeição de uma coisa pode ser um bem ou um mal para outra coisa que o consome, fazendo-se porisso imperfeita, tem-se que reco

nhecer que o Criador o permitiu para conseguir que o criado desta maneira resulte mais rico e abundante que a criação mesma" (43).

Sendo um fato intrínstico à própria criação, que os elementos de um corpo, que nêles se estruturam harmoniosamente, possam dentro de um outro organismo libertar virtudes nocivas a este.

Mas se os alimentos são dotados de virtudes que podem ser nocivas ao homem, a nutrição em cada órgão do corpo humano se faz por meio dos "arqueus":

"cada membro se alimenta e há ventrículos (estômagos) locais que separam da substância o bom do mal" (44).

Certamente a ação da Entidade dos venenos vai depender das condições em que se encontra o organismo, podendo ou não ocorrer o processo mórbido:

"Quando o alquimista é demasiado débil e não pode levar á cabo a sua sutil indústria de separar o veneno das substâncias sãs, se produz a putrefação conjunta de tudo isso, seguida de uma digestão especial, cujos sinais exteriores são precisamente os que nos servirão para indicar e individualizar as enfermidades dos homens" (45).

Certamente esta influência do mundo externo sobre o homem, por meio dos alimentos, é uma constante, porém há certas medidas preventivas que diminuem a sua

fôrça . É neste aspecto preventivo que se colocam as dietas alimentares, Paracelso aconselhando a que a alimentação se aproxime ao máximo do pão .

Entidade natural - Ente naturali

A Entidade natural é a terceira fôrça que debilita e desgasta o corpo humano . Esta Entidade refere-se explicitamente ao microcosmo em sua estrutura concebida por Paracelso : o seu firmamento, os quatro elementos e as quatro compleições e humores . Trata-se aqui de deficiências que possam surgir devido a distúrbios no próprio organismo:

"Estaremos expostos a esta Entidade em todas aquelas ocasiões em que exigimos abusos ou esforços imoderados do nosso corpo ou o mesmo se acha debilitado por uma compleição deficiente, do que podem resultar tôdas as enfermidades, sem exceção " (46).

A cada um dos componentes do microcosmo correspondem enfermidades com características determinadas :

"o gênero das estrêlas, de onde emanam as enfermidades crônicas, o gênero dos elementos que origina as afecções agudas, o das compleições de onde resultam as enfermidades naturais e o dos humores de onde provêm as eruptivas e as que provocam manchas" (47).

Porem, dentre estas enfermidades é ao gênero das estrêlas que Paracelso dá mais atenção . E êle concebe o disturbio patológico como devido a um desregulamento no pro-

cesso fisiológico . A cada um dos sete asgros do corpo humano corresponde a vida de certas regiões do corpo . Quanto a cada uma das partes do corpo :

"se qualquer delas se extravie e penetra nas vias que não lhe correspondem - por exemplo quando o baço toma as vias da bilis - necessariamente se produzirão diversos transtôrnos " (48) .

Entidade espiritual - Ente spirituali

Dentro da concepção de duas partes constitutivas do corpo humano : matéria e espírito, Paracelso passa a considerar então as doenças do espírito, da parte imaterial do homem, que podem ser causadas por entidades espirituais : a Entidade espiritual e a Entidade Divina .

A ação dos espíritos é considerada como natural :

"Os espíritos utilizam entre si um idioma próprio o com o qual falam livremente um ao outro, sem que os unam ou relacionem, nossos discursos humanos . Disto pode resultar, que dois espíritos mantenham entre si afinidades, inimizades ou ódios e que um consiga ferir o outro, do mesmo modo que os homens entre sí " (49) .

Apresenta-se assim de grande importância para Paracelso o poder da vontade que é justamente a fôrça que impele a ação dos espíritos : ódios profundos podem criar enfermidades em outras pessoas, o poder da vontade em mulheres grávidas atuando sôbre o feto .

A ação dos espíritos concretizando-se no corpo humano, pode leva-lo a enfermar, como ocorre com as práticas de Nigromância e malefícios :

"A Nigromância pode criar figuras e imagens inexistentes, ainda que dotados de todos os atributos da realidade.

Porem, não é capaz de ferir o corpo de um homem a não ser que o espírito deste homem tenha procurado algum dano a outro espírito qualquer ... quando isso ocorre e por mais que o dano seja perceptível no corpo desta pessoa, o verdadeiramente atacado foi o espírito " (50).

Paracelso chama a atenção para várias doenças que se supõe sejam causadas pelos santos mas que na verdade dêvem-se à ação doentia da imaginação ou da força de vontade : dança de São Vito por exemplo, êle explica como devida à opinião e à idéia . Cabe ao médico deste modo, desco-brir a verdadeira causa da doença pois de nada adiantará utilizar medicamentos materiais para doenças causadas pelo espírito . Ao lado dos medicamentos usuais, vegetais ou minerais, encontramos assim na terapêutica de Paracelso a prescrição do uso de talismãs, papiros com inscrições, etc.

Entidade divina - Ente Dei

Dentro da linha de pensamento cristão, Paracelso coloca a possibilidade das doenças terem por causa uma punição aos homens, por seus pecados . Esta causa é de origem sobrenatural, enquanto que as primeiras entidades são agen-

tes mórbidos naturais . Deus tem poder de dar saúde ou enfermidade aos homens :

"Deus nos manda certas doenças como uma punição, como uma advertência, como um sinal pelo qual nós sabemos que os nossos negócios não são nada" (51).

Se Deus mandou a enfermidade ao homem, só êle pode curar, cabendo ao médico, com sua habilidade descobrir a verdadeira causa da doença de modo a encaminhar o tratamento no caminho correto .

3 - A terapêutica

§ 1 - A arte da cura

Na Medicina apostolar concebida por Paracelso, tô da a habilidade adquirida pelo médico volta-se para a finalidade máxima de aliviar o sofrimento dos homens . A cura das doenças aparece assim como o ponto de convergência da teoria médica .

"Não há nada na terra que valha mais do que curar um doente " (52) .

Desta forma, na sua constante luta contra a doença, Paracelso não se conforma com a negação de certos médicos de tratar determinadas enfermidades, como a lepra, epilepsia e outras, afirmando que estas enfermidades não tinam cura . Para Paracelso, não há doenças sem o remédio correspondente, o que pode acontecer é de se estar em um estágio de conhecimento em que muitos segredos ainda estão por descobrir .

"todos os remédios estão na terra, mas faltam os homens para colhe-los . Quando estes chegarem tudo poderá ser curado " (53) .

Por trás desta crença está na verdade a fé de que Deus o criador de tôdas as coisas, agente criador de todas as doenças, na sua infinita bondade não poderia ter criado as doenças sem ter criado também o remédio correspondente .

" Deus criou um remédio a todas as doen - ças e é suficientemente instruir-se e aprender este remédio " (54) .

Realmente a cura das doenças aparece dependente da vontade de Deus, de um modo bem mais complexo do que a concepção de Deus como preceptor da Medicina . Da concepção da doença como um castigo aos homens, aparece a idéia de um período de sofrimento que necessariamente deve cumprir-se :

"Toda doença é um purgatório e nenhum médico pode curar se Deus com sua divina graça não dispos que esse purgatório acabe ... O médico deve pois operar e trabalhar de acôrdo com a predestinação de cada purgatório " (55) .

O médico deve ter em vista assim que não está no seu poder saber a hora da cura, o que só Deus pode saber . Porem, de nenhuma forma esta concepção diminui a importância da capacidade do médico na Arte : os verdadeiros médicos são os enviados de Deus e a êles o Criador envia os enfêrmos quando está chegada a hora da saúde :

"Unicamente quando se aproxima o tempo e a hora da rendição, nunca antes, Deus confia os enfermos aos médicos ... Porisso os médicos inábeis não são senão os demônios do Purgatório que Deus dispôs para cada enfêrmo . O médico esclarecido é o dos enfêrmos aos quais Deus adiantou a hora da saúde " (56) .

Cabe assim ao médico, se bem que fuja de suas o abreviamento do sofrimento dos doentes, dedicar-se obtensão da Arte da Medicina pois só assim êle será um ado de Deus .

§ 2 - Os arcanos

É básico para uma compreensão da terapêutica de Paracelso ter-se em vista que o processo de cura é concebido como uma verdadeira luta entre a doença e o remédio . É esta concepção que vai guiar a terapêutica para uma busca constante das potências, das virtudes ocultas em todas as coisas . Não se trata aqui de forças sobrenaturais , como cura por milagre, mas de uma ação natural, da ação de uma virtude integrante de todos os objetos e que pode ser separada e utilizada em toda a sua pureza .

Contra uma força ou poder é preciso usar outra força : esta força é o arcano . O conceito de arcano, "a virtude inteira de uma coisa multiplicada por mil" (57) torna-se mais claro pela identificação que Paracelso mesmo faz com o conceito de quinta essência, tão freqüente na literatura alquímica :

"Assim, a quinta essência que muitos alquimistas procuraram não é outra coisa senão o arcano e o arcano é aquilo que resta, uma vez que se separou o arcano dos quatro outros corpos " (58) .

Os escritos lulianos apresentam a quinta essência a como um quinto elemento constituinte dos corpos, elemento este semelhante ao das esferas celestes . A atividade do corpo estaria radicada na quinta essência que seria assim o próprio princípio ativo dos corpos . Este princípio ativo sendo extraído de um corpo seria reagente muito mais ativo do que o corpo mesmo (59) .

É realmente esta idéia que transparece nos escri

tos de Paracelso, em que o arcano é colocado como uma vir
tude oculta nos corpos e que poderia ser separada por redu
ção .

"Maravilhosas virtudes são inerentes aos remédi
os . Um grande artista, que adquiriu experiência
com suas mãos pode descobrir que a natureza con
tem estas virtudes . Esta arte não pode ser des
crita claramente e só pode ser entendida pela ex
periência . Estes remédios devem ser conhecidos
como arcana, substância de cura oculta . Sua ope
ração é maravilhosa e só com dificuldade podemos
conhecer de quais propriedades e virtudes a sua
eficácia é derivada " (60) .

Ao arcano corresponde realmente não a parte mate
rial da medicina mas a virtude, a potência secreta que po
de ser isolada por processos alquímicos : fermentação, lí
beração do corpo, calcinação, sublimação, reverberação . A
finalidade destas operações é a de desfazer o arcano de
seu corpo material : " o corpo que outrora o arcano teve
deve desaparecer " (61) , ou seja o arcano deve existir nu
ma forma etérea, imaterial, deve ser pura potência, pois a
matéria é um verdadeiro entrave para a ação da virtude .

O conhecimento da arte alquímica mostra-se de im
portância primordial para o médico, o processo de separa -
ção dos arcanos aparecendo mesmo como mais importante que
a própria substância em si .

"O médico deve instruir-se na calcinação e na su
blimação, não somente as operações superficiais

mas também as que modificam interiormente as coisas e que permitem a preparação e o amadurecimento que a natureza não lhe deu " (62).

O processo a que é submetido o corpo ao medicamento é o próprio processo alquímico de morte e ressurreição : o corpo perde completamente a forma , crescendo depois de uma virtude mais nobre que a inicial .

"a rosa, que é magnífica à primeira vista, quando a anima o esplendor de seu perfume, não tem utilidade médica alguma, sendo preciso que se a podreça, morra e renasça depois novamente, para que adquira tal virtude " (63).

O processo de obtenção de arcano não é um processo de composição mas sim de extração . Paracelso critica duramente os remédios compostos pois " a arte dos medicamentos encontra-se na natureza " (64) e é muita pretensão o médico julgar-se capaz de compor remédios com qualidades curativas que não existem na natureza .

Mas certamente em todas as coisas existem lado a lado o bom e o mau, pois não é na própria origem da doença que devemos buscar a sua cura ? . Se este princípio orienta a terapêutica na direção da causa das doenças :

"se o astro nos enfermou, o astro pode curar-nos" (65), ao mesmo tempo orienta a terapêutica de Paracelso para o problema da dosagem .

"Em todas as coisas há um veneno e não há nada sem um veneno . Depende apenas na dose, de um veneno ser veneno ou não ... eu separo o que não

pertence ao arcanum do que é efetivo como o arcanum e eu o prescrevo na dose correta" (66).

O que dá uma orientação da farmacologia de Paracelso, no sentido da utilização de doses mínimas de remédios, depurados pela arte alquímica. Esta preocupação com a dose parece ser a de um experimentalista, o que pode sem dúvida dever-se à familiaridade de Paracelso para com as práticas alquímicas de laboratório.

Ao mesmo tempo Paracelso orienta a terapia dos arcanos no sentido de uma utilização de remédios específicos:

"cada coisa tem em seu domínio particular, seu mestre particular e as doenças que têm arcanos particulares devem assim ter preparações particulares" (67).

§ 3 - A grande Farmacopéia

Outro princípio que readquire com Paracelso uma valorização na terapêutica, é o princípio hipocrático de que "nossa natureza é o nosso melhor remédio pois possuído tudo quanto possamos necessitar" (68).

Este princípio, inteiramente integrado na concepção paracelsiana da unidade primordial e essencial da matéria, justifica entre outras medidas a utilização por Paracelso de um novo tratamento das feridas: enquanto que os médicos costumavam colocar uma mistura igníbil de medicamentos sobre a ferida, Paracelso prega a cura pela simples proteção da ferida que em si mesma encontrará a sua cura. Es

tá aí em prática deste modo a cura pelos mesmos elementos que constituem o homem, idéia esta que é levada até um ponto mais avançado com a "Magnum Compositio", a Grande Farmacopéia ou Grande Composição .

A Grande Farmacopéia procede das virtudes de todos os elementos do céu e da terra :

"No Grande Composto" se encontra o Mundo inteiro, quer dizer, o céu, as virtudes da terra e o homem microcópico, encerrados em uma gota . O homem se encontra pois, encerrado na Farmacopéia com todos seus membros, articulações, natureza , propriedades e essências, tanto boas como mas e enfermas " (69) .

Devido à sua composição a Grande Farmacopéia reúne em si as potências de todos os remédios, medicamentos e arcanos : não se trata mais aqui de um remédio específico, destinado à cura de uma determinada doença . Pelas suas virtudes intrínsecas, ela tem a propriedade de restituir ao corpo humano doente o que lhe falta ou seja restituir-lhe o equilíbrio perdido . Esta concepção terapêutica de Paracelso mostra-se deste modo muito próxima da cura humoralista e teve consequências bem mais limitadas que a concepção do arcano .

É nesta visão que se enquadra a utilização do "múmia", residuo do corpo material do homem, que pela sua própria origem contém em si tudo o que existe no céu e na terra :

"nós possuímos em nós tantas forças naturais quan

to o céu e a terra unidos ... No túmulo o corpo conserva a natureza dos planetas, de todos os astros, cuja natureza e poderes são infinitos em nós " (70) .

O uso de resíduos do corpo morto, contendo a essência do corpo e os poderes das duas esferas, enquadra-se perfeitamente dentro do conceito paracelsiano de cura por meio de virtudes . Note-se ainda que a ação da múmia é uma ação natural : se enquadra perfeitamente dentro das operações da natureza e que Paracelso distingue explicitamente da ação dos santos que é sobrenatural .

O mais importante aqui é sublinhar a cura pelas potências ocultas na matéria, orgânica ou não e que aparece assim tanto no conceito de Arcano como na utilização da múmia .

§ 4 - A cura por semelhança

Dentro da concepção cosmo-antropológica de Paracelso, tendo-se em vista a afinidade entre homem e Natureza, coloca-se a semelhança entre a doença e o remédio : a anatomia da enfermidade e a do medicamento são semelhantes .

Esta constatação leva Paracelso a criticar o tratamento galênico baseado na "contraria contrariis curantur":

"dar à criança o que pede e não outra coisa, ao crente o que espera, ao coração o que lhe convem e ao fígado o que lhe é próprio, constitui a verdadeira coluna da Medicina que, em resumo, pode

enunciar-se assim : dar a toda a anatomia suas próprias semelhanças " (71).

Nesta procura das anatomias internas, ocultas a nossos olhos, adquire uma importancia primordial a utilização das artes :

"a fisiognomonía nos ajuda assim a compreender a medicina pois a fisiognomonía da doença corresponde à das plantas e nós podemos, graças a ela, associar os semelhantes " (72).

A cura de doenças da pedra se faz assim por meio de lapis-lazuli, pedra de água, pinças de caranguejo, pedra da Judéia, etc. . Destas pedras se extrai por distilação uma essência venosa, onde, calcinadas, elas se dissolvem como o sal na água . Se distila novamente e se mistura o depósito a uma outra essência venosa . Assim se preparam os remédios contra a pedra (73).

§ 5 - A farmacologia mineral

A constante convivência de Paracelso com os minerais e com a prática alquímica estão por trás da utilização terapêutica que êle faz de minerais . Ainda mais , a unidade da matéria, a constituição única se todos os corpos, inclusive o homem, leva à constatação : se se utiliza substâncias orgânicas em Medicina, porque não utilizar também a virtude dos minerais ?

O uso terapêutico de minerais estava sendo feito já em pequena escala : John de Rupescissa (séc. XIV) por

exemplo já utilizava vitricis, ouro, antimônio e mercurio. Paracelso retomou o uso destes minerais, que já em meados do século XVI alcançou uma popularidade que aproximou-se à da farmacopéia galênica (74). Na farmacopéia mineral de Paracelso o vitriol é o mais importante, porem também deve-se a êle a popularização do uso do antimônio, que no entanto era considerado venenoso e só foi integrado na medicina oficial depois da cura de Luis XIV de tifóide, por antimônio (75).

Porem, a chave de substâncias minerais or Paracelso reside na dose que é o que diferencia o efeito curativo de uma droga, do efeito venenoso .

"As virtudes dos metais foram-lhe atribuidas por Deus, e pela Natureza, sendo portanto naturais .
o ouro cura a lepra com todos os seus sintomas; o cobre e o mercurio consolidam todas as feridas e chagas externas ; o Electrum (metal formado a partir dos 7 metais conhecidos) tem forças surpreendentes : para convulsões espamódicas, ataques de paralisia, apoplexia e crises de epilepsia " (76).

§ 6 - A terapia por talismãs

Um dos textos de Paracelso que trata especialmente do uso de meios mágicos de tratamento é o "Sete livros da Arquidoxia Mágica " , escrito em 1.537 . Neste livro Paracelso dá receitas de preparação de talismãs específicos para determinadas enfermidades, talismãs corresponden-

tes aos signos do Zodiaco e aos planetas

O poder dos talismãs é inteiramente natural e vem essencialmente da simpatia que existe entre astros, metais e caracteres . Em verdade, do mesmo modo que medicamentos ingeridos, a cura por talismãs é baseada na virtude a êle inerente . Desta forma é possível ao médico atuar sôbre as causas não materiais das doenças ou seja no tratamento de enfermidades espirituais .

"Se a natureza e a essência própria dos metais, a influência e o poder do céu e dos planetas, a significação e a disposição dos caracteres, símbolos e letras, se harmonizam e concordam simultaneamente com a observação dos dias, tempo e horas , o que então, em nome do céu, impediria que um talismã fabricado deste modo não tivesse a sua força e a sua faculdade de operar?" (77) .

Dentro da existência de uma simpatia entre todas as coisas do Universo, torna-se estritamente necessário que o talismã seja fabricado seguindo determinadas condições : utilização de um metal que corresponda ao planeta em questão (por exemplo ao astro agente do processo mórbido), fabricação e colocação dos talismãs devem ser efetuados em horas determinadas, segundo a uma conjunção astral determinada ; deve-se levar em consideração o signo astrológico do doente, seu sexo; além disso não podemos esquecer as virtudes inerentes às palavras, crença cabalística que Paracelso utiliza .

Nos Sete Livros, Paracelso apresenta o tratamento de uma série de enfermidades : estados de crise, cálculos,

sífilis, hidropisia, epilepsia, manias, impotência, etc .
Seu tratamento consiste na receita de preparação de um medicamento (de modo geral um mineral) e alem disso seguem-se as regras de preparação e colocação do talisma correspondente .

Com a terapia por talismãs, a terapia metálica de Paracelso apresenta-se desta forma por duas vias de ação : a do medicamento, material e a imaterial , feita à distância, baseada nas simpatias existentes entre os seres do Universo . A colocação paralela das duas terapias parece ter por finalidade combater dois tipos de causas mórbidas possíveis, ao mesmo tempo : as causas materiais e as causas espirituais .

4-Apêndice - A teoria médica posta em prática

A obra médica de Paracelso é muito extensa e contém uma série de tratados menores que analisam enfermidades específicas à luz da teoria médica elaborada .

Entre estes textos, podemos destacar os que tratam de doenças tartáricas, peste (há vários textos sôbre a peste, um deles dedicado à cidade de Stertzingen, que sofreu o flagelo da peste por 1.534), doenças que privam o homem da razão (epilepsia, dança de S. Vito, melancolia e insanidade), doenças gotosas, doenças caducas, doenças da matriz (enfermidades que afetam especificamente as mulheres), doença dos mineiros, hérnia, icterícia, hidropisia, lepra, desinteria, cólica, doenças invisíveis (devidas à fé e à imaginação) , dores de dentes, dores de olhos e ouvidos , etc. (78) .

Nestes textos Paracelso contrapõe a sua explicação do processo mórbido, à interpretação galênica e apresenta também minuciosamente a terapêutica indicada e seu processo de preparação .

Seus tratados sôbre doenças mentais : mania, histeria, insanidade, melancolia, consideram estas enfermidades como naturais pois

"Não poderíamos pensar que esta doença é uma praga e que Deus ou o Santo a inflige" (79)

diz Paracelso, referindo-se à dança de S. Vito . Paracelso apresenta descrições minuciosas dos sintomas destas doenças, e chama a atenção para o poder da vontade e a imagina

ginação como engendradores do desregulamento mental . Estes textos são pioneiros na utilização do método descritivo em psiquiatria ⁽⁸⁰⁾ e têm chamado a atenção de médicos psiquiatras, como foi o caso de Jung.

Os textos sobre doenças dos mineiros tiveram também um papel inovador na literatura médica da época de Paracelso . Segundo Sudhoff, editor das obras completas de Paracelso em alemão moderno e renovador das pesquisas sobre Paracelso, estes textos constituem a primeira apresentação monográfica das doenças de um grupo ocupacional definido ⁽⁸¹⁾ . Esta preocupação de Paracelso na verdade enquadra-se perfeitamente dentro de sua aproximação constante das classes mais baixas da sociedade e que ganha uma conotação especial no caso dos mineiros visto a experiência duradoura que Paracelso teve nas minas, desde a sua infância.

Dentre os textos sobre doenças específicas, vamos considerar aqui o "Sobre a epilepsia", com a finalidade de caracterizar o médico em ação , ou seja, como Paracelso utilizava sua teoria médica tendo-se em vista a finalidade de encontrar uma explicação do mal em questão e daí chegar à medicação indicada .

Este texto foi escrito na fase de maior produção de Paracelso : em 1.530, mais especificamente na Páscoa e é um dentre os seus vários textos sobre esta enfermidade .

A epilepsia foi conhecida já na Antiguidade , sendo apresentada, pelos seus sintomas especiais, como tendo origem sobrenatural . Foi uma das inovações de Hipócrates a apresentação da "doença sagrada " como tendo origem

natural: devia-se a uma perda de pituita do cérebro, o que tornava os nervos secos (82). Na Idade Média, no entanto, esta enfermidade passou a ser considerada novamente como tendo origem sobrenatural, sendo S.Vito o padroeiro dos e piléticos. Paracelso colocou-se contra esta tendência, a apresentando a enfermidade como natural.

O texto " Sôbre a epilepsia " consta de quatro prólogos .

O primeiro parágrafo é uma apresentação da obra. É, em verdade, uma constante na obra de Paracelso a colocação de um prefácio em que êle não apenas justifica o texto como também coloca as suas críticas à prática médica em geral e em particular sôbre o assunto tratado. No caso particular da epilepsia, as críticas são mais enfatizadas visto ser esta enfermidade considerada como incurável pelos médicos. Paracelso coloca esta posição como uma desumanidade por parte dos médicos :

"é preciso ter verdadeiramente um coração de pedra para não se deixar comover pela vista de tais doentes " (83).

e mais do que isso resultado da preguiça dos médicos, que se satisfazem com a cura de doenças vulgares, que até mesmo as velhas conseguem curar. É uma revalorização da virtude do médico que Paracelso apresenta como uma das bases da prática médica, verdadeiro esteio do conhecimento médico. Paracelso não concebe doenças sem cura já que

"Deus não apenas criou um remédio para a tosse, para a febre e para o catarro, mas também com o maior cuidado para a epilepsia e as outras do-

enças " (84), e cabendo ao médico descobri-los.

Já o segundo paragrafo trata especificamente das causas e do processo mórbido da epilepsia . A pesquisa de Paracelso se orienta no sentido de encontrar a explicação natural da crise epilética já que :

"o teólogo pretende que Deus nos mostra por esta doença aquilo que nós somos ... o jurista a considera como uma justa punição do céu " (85).

Considerando estas idéias como "infantis" e "sem fundamento", Paracelso põe em prática seu método de pesquisa, segundo o qual o médico deve partir da natureza do grande mundo, para por fim chegar aos mistérios do corpo humano . A idéia de que as doenças do homem refletem a doença do grande cosmo, o pai do homem, indica o caminho das analogias dos processos que ocorrem no corpo humano e no mundo exterior . A observação dos sintomas da crise adquire uma importância primordial por serem um verdadeiro "mapa do tesouro" : são exteriorizações do que se oculta no organismo humano . A observação dos sintomas constitui a base sobre a qual se constroi todo o edifício das analogias e portanto deve ser minuciosa .

Partindo assim da observação dos sintomas, por meio de analogia, Paracelso coloca que

"o trovão r vela as causas da epilepsia " (86)
e mais do que isso :

"no homem a epilepsia é o trovão " (87)
ou seja, a epilepsia é o trovão do microcosmo . Dada a semelhança dos processos, é assim pela observação precisa do

trovão que o médico poderá compreender os diversos estágios da crise epilética .

Paracelso explica que o trovão nasce dos três corpos : Enxôfre, Mercúrio e Sal , que aparecem também na teoria racelso como causadores das enfermidades :

"estes três corpos engendram a tempestade . Ora, ela é contida em um corpo, ela é, por assim dizer, rodeada e fechada em uma casca e por uma pele . Quando o corpo permanece tal qual, o trovão não se produz . Mas, desde que o Mercúrio, o Enxôfre e o Sal chegam à maturidade, o trovão atinge seu paroxísmo; êle agita brutalmente e faz estalar a casca onde se encontra .

Eis aí como nascem o trovão e os fenômenos anexos " (88) .

Temos aí descrito um processo, que poderíamos chamar explosivo, que se manifesta de quatro maneiras, cada uma correspondendo a um dos quatro elementos . O trovão é uma manifestação que corresponde ao elemento ígneo; o tremor de terra ao elemento terra; na água ocorre a tromba d'água e no ar é o relâmpago, semelhante ao trovão mas que não é seguido de chuva (89)

Mais especificamente, Paracelso coloca que "a epilepsia é uma doença que nasce dos astros do pequeno mundo, como os quatro trovões nascem dos quatro elementos " (90) .

já que a cada elemento êle faz corresponder um astro . Do

astro, a parte imaterial e preceptora do corpo, nasce a doença . Porem, é nas três substâncias que Paracelso vai buscar a explicação do processo mórbido em sí, que corresponde a uma desagregação dos três corpos :

"A causa do trovão é a incompatibilidade do Mercúrio, do Enxôfre e do Sal . A isso se junta também a intervenção de Marte e de outros fatores " (91).

A teoria médica de Paracelso coloca realmente o processo mórbido como devido a uma desagregação que ocorre no corpo humano : as três substâncias se separam e tornam-se visíveis . Ao mesmo tempo, o processo de separação é catalizado, neste caso, pela Entidade Astral, que realmente atua sobre a parte astral do homem, a sua constelação, da qual nasce a doença, como foi dito acima .

Esta explicação trata da realidade que está interior aos sintomas e que corresponde ao processamento alquímico que se oculta aos nossos sentidos . A epilepsia fica compreendida assim como um processo explosivo que ocorre em consequência da desagregação, que no corpo humano, das três substâncias .

Pelos sinais exteriores podem-se seguir as diversas etapas da crise epilética e a estas etapas correspondem plenamente as etapas do processo natural que tem seu paroxismo no trovão . As etapas seriam (92) :

1ª - corresponde aos primeiros sintomas da crise :

"(o doente) perde o equilíbrio, sua conduta normal e instintiva se modifica totalmente .

São os sinais precursores, o começo da crise epilética, semelhante à subida da trovoadas."

Segundo Paracelso, corresponde àquela fase inicial de mudança de tempo em que os animais pressentem a chegada da tempestade. O doente nesta primeira fase sente uma mudança no seu entendimento.

2ª - corresponde no macrocosmo ao aparecimento de nuvens de composição não habitual : a atmosfera torna-se densa e uma melancolia e uma sonolência tomam conta dos

"o homem tem perturbações oculares ; tudo se esfuma e a vista se enfraquece, se sente vontade de dormir".

3ª - é a terceira fase da tempestade, quando o vento se eleva sacudindo tudo, o que acabará levando ao processo explosivo :

"do mesmo modo o vento se apodera do corpo e sopra tão forte que o perturba inteiro e como o vento, os epiléticos não permanecem no lugar e não cessam de se agitar".

4ª - a quarta fase é o trovão mesmo, que agita o céu e a terra : tudo treme. No homem, a crise atinge seu paroxismo :

o trovão causa as convulsões que não são senão a explosão brutal e a brutal oclusão do vento que se afasta, deflexão e estende todos os membros

5ª - por fim :

"do mesmo modo que o trovão derrama seus raios, os olhos do doente têm o raio do fogo, os olhos se rodeiam de chamas . Do mesmo modo que o trovão derrama a chuva, os doentes extravasam espuma " .

O fim da crise, tanto no macrocosmo como no microcosmo, marca um retôrno às condições normais : do mesmo modo que depois da tempestade vem o bom tempo, a paz alcança o homem .

A analogia se fecha assim : são dois processos de pequena duração, correspondendo à formação de uma matéria conflitante que se extravasa numa convulsão seguida de fogo e água . A analogia é total e o processo oculto na crise epilética torna-se compreendido : as fôrças atuantes, os conflitos gerados, a explosão liberadora por fim .

Uma coisa no entanto é extremamente necessária ao médico : a observação minuciosa do doente, pois esta é uma condição necessária para a apreensão do processo . Paracelso coloca :

"Eu espero que vós vos esforceis de bem olhar os doentes, que vós não vos poreis de venda nos olhos, para descobrir e para investigar a minha verdade e a saúde dos doentes " (93) .

O terceiro parágrafo coloca o princípio básico da terapêutica e que tem como ponto de partida o próprio processo mórbido :

"a doença é unicamente causada pela união falsa do corpo e do astro " (94).

O princípio terapêutico consiste certamente em uma luta contra a doença : o medicamento deve ser ministrado com o objetivo de separar os dois corpos que estão misturados e que são incompatíveis :

"O agente desta ação deve ser o fogo correspondente, isto é, o elemento ígneo que deve afastar tudo o que não está no seu lugar . Pois todas as coisas, ... se separam no fogo e pelo fogo . Ora, o fogo que convem a tais doenças astrais é o fogo do Leão " (95).

No quarto parágrafo, fica especificada a terapêutica . Dizendo-se contra a cura habitual, pelas qualidades : o calor cura o frio, etc. , e contra o uso de laxativos, Paracelso coloca que :

"a base da composição dos remedios esta nos arcanos, não nos laxativos ou na colóquintida " (96).

ou seja, o uso de arcanos, de substâncias etéreas, ígneas, o fogo pelo qual se separa os corpos incompatíveis .

Paracelso recomenda o uso do arcano do visco de carvalho para epilepsia aquosa, o antimônio para a epilepsia infantil, além do ouro, corais e outras substâncias que nos são reveladas pelas artes da geomância, quiromancia e fisiognomonia .

Por fim é apresentado o vitriol, cujo arcano é medicação segura para a epilepsia, devendo no entanto

ser administrado de acôrdo com a constelação .

Tôda esta arte está baseada na prática alquímica o que justifica plenamente a louvação de Paracelso para a Alquimia :

"ela descobriu grandes e excelentes arcanos" (97) .

Paracelso e a Iatroquímica

A obra medica de Paracelso encontrou , ainda mesmo quando êle era vivo, uma grande opposição por parte dos médicos galenistas . Esta opposição refletiu-se na dificuldade encontrada por Paracelso para publicar os seus textos, conseguindo levar avante um número ínfimo de impressões, tendo-se em vista a amplitude de sua obra . Somente no fim do século XVI seus discípulos começaram a publicar suas obras . Entre 1589 e 1591, Huger publicou, pela primeira vez, uma edição completa de suas obras (1).

Foi assim pelo fim do século XVI que a obra de Paracelso, mais difundida, começou a rivalizar com a de Galeno . Em geral, porem, o que se observava era a proibição de suas idéias nas Universidades, tendo ocorrido mesmo revoltas de estudantes em Paris e Heidelberg, no século XVI, contra esta proibição (2).

A expansão de suas obras e sua crescente popularidade, acabaram acarretando contra-medidas, como a do duque de Saxônia que em 1572 comissionou Thomas Erastus para refutar Paracelso (3). Erastus, adepto do galenismo, foi o mais ferrenho adversário de Paracelso . Suas críticas voltaram-se para as inovações introduzidas por Paracelso, como a constituição primeira de todas as coisas por 3 substâncias, a concepção da doença como entidade, a utilização de substâncias metálicas na terapêutica, a concepção de arcanos e da utilização de Alquimia em Medicina . Por outro lado Erastus apresentou Paracelso como obscurantista, ambicioso, inculto, na sua preten

são de substituir a verdadeira Medicina pela falsa. (4) .

Em verdade os adeptos de Paracelso se encontravam entre práticos, usualmente desprovidos de instrução, enquanto que os médicos letrados, representantes da Medicina das Universidades prendiam-se mais às idéias galênicas. Desta forma, a teoria médica de Paracelso apresentou-se com poucas condições de disputa frente Galeno . A parte de sua obra que teve maior repercussão consistiu mesmo na terapêutica metálica (5) .

Já durante a sua vida as críticas voltaram -se contra o uso de medicamentos metálicos, que eram considerados venenosos. A defesa de Paracelso a esta crítica baseava-se na concepção de que todas as coisas ingeridas pelo homem são venenosas, contem o bom e o mau, dependendo apenas da dose a obtenção de resultados terapêuticos positivos . Paracelso chegou mesmo a criticar o uso indiscriminado de mercúrio no tratamento da sífilis, e que chegava mesmo a acarretar intoxicação nos doentes (6) .

Porem, mesmo que a terapêutica mineral tivesse sido utilizada já antes de Paracelso, foi êle quem generalizou esta terapêutica . O uso do antimônio, por exemplo , pregado por Paracelso, já era combatido desde sua descoberta por Basile Valentin (viveu no início do século XV .), pois, pela lenda, teria envenenado religiosos do mosteiro de Erfurt. Com a reintegração do antimônio para fins terapêuticos, por Paracelso, seus adversários lutaram pela condenação deste uso, o que se oficializou em 1566 na Universidade de Paris . Somente cem anos mais tarde, em 1666, foi reintroduzido o uso terapêutico do antimônio pela Uni-

versidade de Paris, tendo em vista a cura de Luis XIV por meio deste medicamento (7) .

No campo da terapêutica, observou-se no século XVI, uma separação paulatina da classe médica em paracelsistas e herbalistas, separação esta que se manteve por mais um século .

Porem, como vimos, a terapêutica dos arcanos, baseava-se em uma prática alquímica indispensável . A Alquimia orientou-se assim, com Paracelso, para uma Alquimia medicinal, a Iatroquímica, fato de grande importância para o posterior desenvolvimento da química .

A Iatroquímica teve continuação na obra de Andreas Libavius (1540-1616), Silvius (1478-1555), entre outros mas seu auge deu-se com Van Helmont (1577-1644) .

Médico e químico, Van Helont aparece como um dos precursores da química quantitativa . Introduziu o uso sistemático da balança em seus experimentos químicos, praticamente tendo chegado ao principio da conservação da matéria .

Van Helmont pesquisou sobre a constituição última da matéria, aceitando a idéia de ser a água a matéria primordial, formadora de todas as coisas . Os gases ocupam uma posição importante na sua pesquisa química, tendo sido Van Helmont mesmo quem denominou gases a corpos etéreos que aparecem como completamente individualizados . Não é mais o ar, como representante do estado gasoso da matéria, mas diferentes corpos " espirituais ", diferentes entre si .

Porem, Van Helmont foi médico e sua pesquisa química orientou-se para uma compreensão dos processos que têm lugar no corpo humano . Como Paracelso, êle introduziu uma concepção química dos processos fisiológicos, porem numa forma bem mais concreta . Porem, sua concepção aproxima-se muito da concepção dos archeus, que para Paracelso eram responsáveis pela nutrição do organismo e existiam em cada um dos órgãos do corpo humano .

Van Helmont admitia que todos os fenômenos da matéria orgânica fossem "fermentações" . O "fermento" seria o elemento ativo, portador de uma energia formativa e que dirigiria o desenvolvimento da vida animal ou vegetal . Do mesmo modo que na obra de Paracelso, haveria fermentos específicos, presentes em cada órgão e responsáveis pelos processos vitais (8) . São seis digestões ou coccões, cozinhamentos que ocorreriam no corpo e converteriam o alimento em tecido do organismo vivo .

A concepção de digestão na obra de Van Helmont já se apresenta com uma conotação bem mais próxima da concepção biofísica atual . Tratando da "segunda digestão" , que ocorreria no duodeno, Van Helmont deixou de lado a concepção paracelsiana das três substâncias e introduziu as propriedades químicas, tendo chamado pela primeira vez a atenção para a importância do fermento ácido do estomago e sua neutralização pelo fermento salino proveniente da bilis (9) .

A concepção patológica de Van Helmont também se baseava nos fermentos, cuja alteração e as conseqüentes perturbações do metabolismo estariam na base de todas as en

fermidades (10).

O primeiro passo no sentido de uma concepção bioquímica dos corpos estava dado, porém, faltava ainda a base química necessária para concretizar esta concepção. O sistema de Van Helmont aparece assim revestido de um vitalismo que está na própria essência dos processos vitais: um sistema de entes imateriais, subordinados à alma transmitiria as impulsões da mente aos archeus, regentes da atividade dos fermentos (11).

Conclusão

A reação renascentista aos valores medievais e especialmente a reação ao escolaticismo aristotélico, teve um de seus pontos de cristalização na renovação do platonismo. O platonismo difundiu-se rapidamente, juntamente com os conhecimentos esotéricos, encontrando acolhida entre os humanistas e levando a uma substituição da concepção aristotélica medieval do cosmo hierarquizado, pela concepção do cosmo como um organismo vivo, em que todas as partes se assemelham e se relacionam simpateticamente.

A difusão desta idéia parece refletir a transformação ocorrida na própria sociedade humana, em que a condição de crise havia tornado mais débeis, os laços que prendiam o homem aos estatutos sociais. A escalada vertical tornara-se possível, dependendo apenas da própria virtude do indivíduo, que adquiria assim o controle de suas ações. Ao mesmo tempo, o indivíduo sentindo a possibilidade de realizações independentes chegou mesmo a voltar-se contra os valores constituídos.

É dentro destas aspirações que Paracelso se coloca, lutando constantemente contra a medicina dogmática das universidades, lutando para uma prática médica voltada para o homem valorizado na sua individualidade, lutando por um conhecimento baseado na experiência pessoal.

Como vimos a filosofia de Paracelso se coloca dentro da corrente neoplatônica que, na Renascença, conheceu seu ponto mais alto com os filósofos da Academia de

Florença . O universo é um organismo vivo, único, em que as diversas manifestações se impressionam e uma destas manifestações, o homem-microcosmo é concebido como um reflexo do mundo exterior, mas dono de uma estrutura interna que nele é gravada quando nasce . Este homem distingue-se da natureza restante como morada do Espírito Santo, porem, assemelha-se à própria natureza, não lhe é superior, participa da mesma realidade que o mundo exterior .

Ao mesmo tempo, o campo dos fenômenos naturais, é amplo só excluindo os fenômenos ligados à própria divindade : a natureza de Paracelso é habitada por duendes, ninfas, silfos, incubos e súcubos, demônios e anjos . É uma concepção bem ampla do natural, que inclusive contém os prodígios : é um universo concebido sem leis que o rejam e como não há encadeamento causal dos fenômenos, nada é impossível, tudo pode acontecer na natureza ⁽¹⁾ . Esta mentalidade naturalista, de Paracelso na verdade, é a de todo um século .

Na Natureza, a matéria constitui a parte mais baixa, verdadeiro freio às ações espirituais, mas ao mesmo tempo é matriz por intermédio da qual as ações se realizam. Há uma dualidade em cada sêr, dualidade esta que esconde uma unidade que é a realidade mais profunda da natureza . Cada sêr é concebido como composto de um espírito, parte etérea e um corpo material .

Na parte etérea de cada sêr ocultam-se as virtudes, as forças ocultas, pelas quais ela se manifesta . E é justamente a procura destes espíritos invisíveis que governaram os corpos materiais, a realização suprema do conheci

mento : é a intuição, a apreensão, por aproximação, por identificação dos mistérios mais profundos do sêr . Trata-se de um intuir e não de um raciocinar .

A forma de conhecimento em Paracelso, é medieval : a identificação com o objeto é que torna possível a compreensão de suas forças vitais . E a apreensão da verdade se faz na sua totalidade e por analogias : é um conhecimento essencialmente analógico, em oposição total ao conhecimento científico, que já no século XVI começa a se desenvolver, que é analítico e pressupõe uma separação entre sujeito e objeto de pesquisa .

As palavras ganham uma importância especial : elas exprimem os fenômenos em sí, chegando mesmo, às vezes, a serem explicativas (2). Basta lembrar o termo " luz da natureza " cujo significado encontra-se no próprio termo, e que parece não necessitar explicação .

Em verdade, o problema da linguagem é extremamente importante na obra de Paracelso . Sua linguagem é obscura e êle mesmo sente a dificuldade de expressar-se em alemão : inventa termos que têm um significado intrínseco e que vêm preencher as lacunas da linguagem . É a própria problemática da ligação entre a linguagem e o pensamento, que vislumbramos aqui . É a transformação do pensamento acarretando uma modificação na linguagem (3) .

Se considerarmos a significação que Paracelso deu ao mago : o homem sábio ao qual a natureza ensinou os seus segredos (4), podemos considera-lo um mago, pois toda a filosofia natural de Paracelso se orienta para a des

coberta das virtudes ocultas nas coisas .

A sua Fisiologia e a sua Patologia orientam-se essencialmente para descoberta das forças vitais que impulsionam o processo orgânico . E foi justamente neste caminho que Paracelso chegou a intuir a concepção bioquímica do corpo humano . O corpo é formado por três princípios ativos : Enxôfre, Mercúrio e Sal que aparecem como formadores de todo o organismo e que são sujeitos a verdadeiros processos alquímicos : separação, evaporação, etc. No entanto, são necessárias verdadeiras forças vitais que dêem cabo do processo de nutrição : os archeus, os alquimistas manipuladores das substâncias formadoras do corpo . Uma digestão mal realizada, pode acarretar danos no tecido local : podem ocorrer coagulações ativadas pelo Espirito do Sal e sobrevir os tártaros : areias, pedras, etc .

É na mesma orientação de procura das virtudes ocultas que se desenvolve a terapêutica de Paracelso : os arcanos, ou quinta-essências, são os próprios extratos das virtudes das substâncias . A sua terapêutica reflete a própria concepção paracelsiana do Universo : um mundo em que as influências são totais e justamente é pela influência de um corpo sobre outro que os medicamentos agem ; pelas suas virtudes ocultas . É a própria Medicina natural que Paracelso prega : o médico deve agir de acôrdo com a Natureza, deve utilizar os mesmos meios que a Natureza .

Certamente a influência da prática alquímica é essencial na obra de Paracelso . A sua experimentação em Alquimia reflete-se não apenas nas concepções alquímicas dos processos orgânicos, como também na orientação que

sua terapêutica toma em relação às doses : e a valorização da utilização de uma quantidade exata da substância, afim de chegar aos resultados desejados .

Porem, se bem que realmente apareçam na obra de Paracelso intuições que se mostraram posteriormente extremamente férteis, como a da concepção alquímica do processo orgânico, estas intuições, pela própria condição da Química no século XVI, são não comprováveis, constituindo assim uma teoria especulativa dos processos fisiológicos . É neste sentido que poderíamos concluir, que a Medicina paracelsiana foi acima de tudo uma medicina filosófica, um corpo de intuições concretizadas por imagens, estranha antecipação da concepção bioquímica do corpo humano .

Notas

Observ. - Nas notas referentes a obras de Paracelso, não constará o nome do autor .

Introdução

(1) - J. Donne - The complete poetry and selected prose, pp. 320-325 .

(2) - Idem - ibidem, pp. 325-326.

Esbôço biográfico

(1) - W. Pagel - Paracelse , p.18 . Sg. Pagel Paracelso foi realmente discípulo de Trithemius.

(2) - A. Koyré - Mystiques, spirituels, alchimistes du XVIe siècle allemand , p. 79. Koyré cita o resultado da pesquisa de K. Suddhof, que encontrou referências ao diploma de Paracelso em Verona . Porém, as dúvidas persistem devido as constantes críticas recebidas por Paracelso, de não ser diplomado e exercer irregularmente a profissão . As respostas de Paracelso sempre deram ênfase ao conhecimento adquirido, acima do estudo oficial, porém ele não chega a desfazer completamente as críticas.

(3) - G. Bechtel - Paracelse , p. 125 .

(4) - Idem - Ibidem , pp. 134-135.

- (5) - Apud - H.M. Pachter - Paracelso, de la magia a la ciencia , p. 136 .
- (6) - Idem - ibidem , p. 137 .
- (7) - É um ponto controvertido se Paracelso queimou ou não o Canon de Avicena .

A Medicina, da Antiguidade clássica até a Renascença

- (1) - H. E. Sigerist - Civilization and Disease , p. 150.
- (2) - G. S. Kirk e J. E. Raven - Los filósofos presocráticos , p. 329 .
- (3) - A. Castiglioni - História da Medicina - 1º volume, p. 159 .
- (4) - G. S. Kirk e J. E. Raven - op. cit. , p. 436 .
- (5) - H. E. Sigerist - op. cit. , p. 149 .
- (6) - G. S. Kirk e J. E. Raven - op. cit., p. 460 .
- (7) - G. Sarton - Historia de la ciencia - 1º volume, p. 305.
- (8) - Platão - Obras completas , p. 1171 .
- (9) - Idem - ibidem , p. 1172 .
- (10) - Apud - A. Castiglioni - op. cit. , p. 181
- (11) - Apud - B. Farrington - A ciência grega , p. 5
- (12) - Hipócrates - Oeuvres complètes - vol. VI, p.35.
- (13) - Laignel - Lavantine - Histoire générale de la médecine , de la pharmacie , de l'art dentaire et de

- l'art vétérinaire - 1º volume - p. 257 .
- (14) - Hipócrates - op. cit. - p. 39 .
- (15) - A. Castiglioni - op. cit. p. 191 .
- (16) - Laignel - Lavantine - op. cit. . p. 264 .
- (17) - G. Sarton - op. cit. p. 125 .
- (18) - Apud . Laignel - Lavantine - op. cit. , p.258 .
- (19) - B. Farrington - op. cit. , p. 254 .
- (20) - R. Taton - História geral das ciências - 2º volume,
p. 191.
- (21) - Galeno - Obras , p. 33 e 42 .
- (22) - R. Taton - op. cit. , p. 190 .
- (23) - Laignel - Lavantine - op. cit. , p. 421 e 422 .
- (24) - Idem - ibidem , p. 426 .
- (25) - A. Castiglioni - op. cit. , p. 288 .
- (26) - Idem - ibidem , p. 294 .
- (27) - Laignel - Lavantine - op. cit. 2º volume, p. 5. Se-
gundo Castiglioni, op. cit. p. 301, os primeiros hos-
pitais surgiram mesmo por volta do século IV d.C., a
lem das enfermarias que se difundiram, ligadas aos
mosteiros . Estas instituições tinham uma conotação
essencialmente caritativa, voltando-se para a assis-
tência de velhos doentes .
- (28) - Idem - ibidem , pp. 15 - 17 .
- (29) - Idem - ibidem , pp. 23-25 .
- (30) - A. Castiglioni - op. cit. , p. 318 .

- (31) - S.F. Afnan - El pensamiento de Avicena , p. 266 .
- (32) - A. Castiglioni - op. cit. , p. 329 .
- (33) - Laignel - Lavantine - op. cit., p. 35 .
- (34) - A. Castiglioni - op. cit. pp. 367-369 .
- (35) - Idem , ibidem , p. 378 .
- (36) - Idem, ibidem , p. 409 .
- (37) - Idem , ibidem , p. 445 .
- (38) - Idem , ibidem , pp. 446-449 .
- (39) - Laignel - Lavantine - op. cit. , p. 5 .
- (40) - M. Daumas - Histoire de la science , p. 1170 .
- (41) - A. Castiglioni - op. cit., p. 495 .
- (42) - Idem , ibidem , pp. 134-135 .
- (43) - Laignel - Lavantine - op. cit. , p.195 .
- (44) - Idem , ibidem , p. 197 .
- (45) - Idem , ibidem , p. 181 .
- (46) - Idem , ibidem , p. 189 .

O homem e a natureza na obra de Paracelso

- (1) - A.A. Castellán - "Variaciones en torno a la Cosmo Antropología del Humanismo" . Annales de História Antigua y Medieval , vol. 14, p.12. Segundo o autor, o estudioso do Ocultismo Grillot de Givy , no seu livro " Se musée des sorciers, mages et alchimistes" diz que a relação macrocosmo - microcosmo se encontra nos ensinamentos secretos e místicos de todos os

povos .

- (2) - Selected writings , p. 95 .
- (3) - Oeuvres médicales , p. 230 .
- (4) - Apud - S. Hutin - Paracelse - L'homme - Le médecin L'alchimiste , p.59 . A citação é do livro Philosophia ad Athenienses .
- (5) - S. Hutin - A Alquimia , pp. 48-49 .
- (6) - Oeuvres médicales , p. 48 .
- (7) - Selected writings , p. 93 .
- (8) - E. Cassirer - " Giovanoni. Pico della Mirandola - A study in the History of Renaissance Ideas ".Journal of History of Ideas , vol. III, nº 3 , p. 338 .
- (9) - Oeuvres médicales , p. 48 .
- (10) - Apud .S. Hutin - Paracelse - L'homme - Le médecin L'alchimiste , p. 59 - citação do livro Philosophia ad Athenienses .
- (11)- Idem , ibidem , p. 79 .
- (12) - Selected writings , p 267
- (13) - Obras completas , p. 170 .
- (14) - Selected writings , p. 88 .
- (15) - Obras completas , p. 127 .
- (16) - Geber ou Jabir, o mais conhecidos dos alquimistas á - rabes viveu no século VII de nossa era . Uma série de escritos a êle atribuídos , na verdade parecem ser a pócrifos e representativos de uma tradição iniciada por Geber .

- (17) - F. Sherwood Taylor - La Alquimia y los alquimistas, pp. 99-100 . O autor apresenta esta concepção como derivada da idéia aristotélica , apresentada no Me teorológica, segundo a qual os metais seriam forma dos de duas exalações de vapores : um úmido e outro sêco, que se despreendem da terra .
- (18) - M. Eliade - Forgerons et alchimistes , p. 51 .
- (19) - Obras completas , p. 128 .
- (20) - Op. cit. , p. 254 .
- (21) - Oeuvres médicales , p. 194 .
- (22) - Op. cit. , p. 44 .
- (23) - Obras completas , p. 82 .
- (24) - Op. cit. , p. 162 .
- (25) - Selected writings , p. 92 .
- (26) - Oeuvres médicales , p. 63 .
- (27) - Selected writings , p. 77 .
- (28) - H. M. Pachter - Paracelso, de la magia a la ciencia, p. 126 .
- (29) - Apud - S. Hutin - Histoire de l'alchimie , p. 187 .
Citação do livro " De viribus morborum " .
- (30) - Obras completas , pp. 79-80.
- (31) - Op. cit. , pp. 80-81 .
- (32) Op. cit. , p. 63 .
- (33) - Selected writings , p. 113 .
- (34) - Op. cit. , p. 271 .

- (35) - Op. cit. , p. 88 .
- (36) - Op. cit. , p. 287 .
- (37) - J. Le Goff - Los intelectuales de la Edad Media, p. 70 .
- (38) - A. A. Castellán - op. cit. , p. 67 .
- (39) - Apud - P. O. Kristeller - Ocho filosofos del Renacimiento italiano , p. 93 .
- (40) - Obras completas , p. 50 .
- (41) - C. Mc Intosh - The astrologers and their creeds , p. 100 .
- (42) - A.A. Castellán - op. cit. , p .58 .
- (43) - P. O Kristeller - op. cit. , p. 94 .
- (44) - Obras completas , p. 194 .
- (45) - Op. cit. , p. 49 .
- (46) - E. Cassirer - Individuo y cosmos en la filosofia del Renacimiento , p. 143 .

O problema do conhecimento

- (1) - Obras completas , p. 109 .
- (2) - Op. cit. , p. 295 .
- (3) - Oeuvres médicales , p. 51 .
- (4) - Op. cit. p. 54 .
- (5) - Selected writings , p. 109 .
- (6) , - Oeuvres médicales , p. 250 .

- (7) - Obras completas , p. 159 .
- (8) - Selected writings , p . 123 .
- (9) - Op. cit. , p. 177 .
- (10) - Oeuvres médicales , p. 126 .
- (11) - Selected writings , p. 235 .
- (12) - Op. cit. , p. 327 , segundo o glossário apresentado por J. Jacobi .
- (13) - Op. cit. , p. 203 .
- (14) - Oeuvres médicales , p. 194 .
- (15) - J. A Mazzeo - " Universal analogy and the culture of the Renaissance " - Journal of History of Ideas , vol. XV , nº 2 , p. 303 .
- (16) - Oeuvres médicales , p. 194 .
- (17) - Obras completas , p. 122 .
- (18) - Selected writings , p. 183 .
- (19) - Apud - G. de Santillana - The age of adventure - The Renaissance philosophers , p. 198 .
- (20) - E. Cassirer - Individuo y cosmos en la filosofia del Renacimiento , p. 123 .
- (21) - Oeuvres médicales , p. 19 .
- (22) - Selected writings , p. 302 .
- (23) - W. Pagel - Paracelse , p. 64 .

A obra médico- patológica de Paracelso

- (1) - Obras completas , p. 29.
- (2) - Oeuvres médicales , p. 33 .
- (3) - Obras completas , pp. 202-203 .
- (4) - Op. cit. , p. 275 .
- (5) - Oeuvres médicales , p. 110.
- (6) - Op. cit. , p. 46 .
- (7) - Op. cit. , p. 45 .
- (8) - Obras completas , p. 218 .
- (9) - Op. cit. , p. cit.
- (10) - Oeuvres médicales , p. 20 . A crítica ao luxo dos médicos renascentistas aparece também na obra de Petrarca e Bocaccio entre outros (Cf. A Castiglioni , op. cit. , pp. 469-470).
- (11) - G. Bechtel - Paracelse , p. 29 .
- (12) - Oeuvres médicales , p. 29 .
- (13) - Op. cit. , p. 32 .
- (14) - Op. cit. , p. 34 .
- (15) - Op. cit. , p. cit.
- (16) - Op. cit. , p. 43.
- (17) - Op. cit. , p. cit.
- (18) - F. Medicus - "The scientific significance of Paracelsus " . Bulletin of the Institute of the History of Medicine , vol. IV, nº 5 . maio, de 1936,p.357.

- (19) - Oeuvres médicales , p. 71 .
- (20) - Obras completas , p. 122 .
- (21) - Op. cit. , p. 135 .
- (22) - Oeuvres médicales , p. 72 .
- (23) - Op. cit. , p. 104 .
- (24) - Op. cit. , p. 88.
- (25) - Op. cit., p. 210.
- (26) - Obras completas , p. 143 .
- (27) - Op. cit. , p. 128
- (28) - Op. cit. , p. 129 .
- (29) - Op. cit. , p. 130 .
- (30) - Op. cit., p. 133 .
- (31) - Op. cit. , p. 132 .
- (32) - Op. cit., pp. 183 e 184 .
- (33) - Op. cit., p. 132 .
- (34) - Op. cit., p. 208 . Cf. George Rosen, em nota explicativa do livro de textos de Paracelso : Four treatises , p. 49 , o conceito de tártaro já é mencionado no século XIII por Alberto Magno . Era relacionado a todas as formas de precipitação ou sedimentação .
- (35) - Four treatises , p. 146 .
- (36) - H.E. Sigerist - Civilization and disease , p. 169 .
- (37) - Obras completas , p. 147 .
- (38) - Op. cit. , p.37 .

- (39) - Op. cit. , p. 88 .
- (40) - Oeuvres médicales , p. 64 .
- (41) - Obras completas , p. 53 . Cf. W. Pagel, Paracelse pp. 161 e 303 , esta contaminação pelo ar, elemento material da esfera superior, aparece também na obra de Agrippa de Nettesheym (1487-1535) , médico e alquimista, discípulo do abade Tritemius .
- (42) - Obras completas , p.54 .
- (43) - Op. cit. , p.62.
- (44) - Oeuvres medicales , p. 225 .
- (45) - Obras completas , p. 66 .
- (46) - Op. cit. , p. 39 .
- (47) - Op. cit. , p.85 .
- (48) - Op. cit. , p. 81.
- (49) - Op. cit. , p.89 .
- (50) - Op. cit. , p. 94.
- (51) - Selected writings , p. 155.
- (52) - Op. cit. , p. 147 .
- (53) - Op. cit. , p. 116 .
- (54) - Oeuvres médicales , p. 107 .
- (55) - Obras completas , p. 100 .
- (56) - Op. cit. , p. 101.
- (57) - Selected writings , p. 222 .
- (58) - Oeuvres médicales , p. 74 .
- (59) - Os textos lulianos foram escritos por volta de 1330

sob o nome de Raimundo Lulio, sendo provavelmente no entanto, apócrifos . Cf. F. S. Taylor - La Alquimia y los alquimistas , p. 132 .

- (60) - Selected writings , p. 160 . O livro de Paracelso que trata especialmente dos arcanos e o "Archidoxa", considerado o primeiro texto de Química para médicos. Nêste livro Paracelso formula um programa para as duas ciências, mostrando que havia muito em comum entre a transmutação de metais e a saúde humana . Sg. H. Pachter - Paracelso, de la Magia a la ciencia , p. 115 .
- (61) - Oeuvres medicales , p. 76 .
- (62) - Op. cit. p. 75 .
- (63) - Obras completas , p. 146 .
- (64) - Oeuvres médicales , p. 52 .
- (65) - Obras completas , p. 301 .
- (66) - Selected writings , p. 169 .
- (67) - Oeuvres médicales , p. 81 .
- (68) - Obras completas , p. 171 .
- (69) - Op. cit. p. 177 .
- (70) - Oeuvres médicales , p. 236 . Sg. E. Lluesma-Uranga , em nota explicativa do livro de Paracelso, Obras completas, pp. 172 e 173 , a mûmia é uma constante entre autores medievais e renascentistas , referindo-se ou ao alento vital que circula no sangue e que se mantem no sangue fixado em estado sólido, ou ao líqui

do que se encontra nas supurações e mesmo para múmia egípcias pulverizadas .

- (71) - Obras compeltas p. 143 .
- (72) Oeuvres médicales , p. 137 .
- (73) - Apud . W, Pagel - Paracelse , p. 167 .
- (74) - R. Multhauf . " Medical chemistry and the paracelsians " Bulletin of the Institute of the History of Medicine , vol. 25, 1954, pp. 105 e 106 .
- (75) - B. Whiteside - Paracelse - L'homme - Le medecin - L'alchimiste , p. 226 .
- (76) - Les sept livres de l'Archidoxe magique , pp. 79 e 80 .
- (77) - Op. cit. , p. 15
- (78) - Sg. R. Allendy - Paracelse, le médecin maudit , p. 175 e sg. .
- (79) - Four treatises , p. 180 .
- (80) - Sg. Four treatises , p. 131 : os textos de Paracelso antecipam de 50 anos o livro "De Praestigiis Daemonum " de Weyer , que é básico na história da psiquiatria .
- (81) - Four treatises , p. 54 .
- (82) - A. Castiglioni - História da Medicina , vol. 1., p. 193 .
- (83) - Oeuvres médicales , p. 108 .
- (84) - Op. cit. , p. cit.
- (85) - Op. cit., p. 112 .

- (86) - Op. cit. p. 113 .
- (87) - Op. cit., p. 114 .
- (88) - Op. cit. , p. cit .
- (89) - op. cit., p. 115 e 116 .
- (90) - Op.cit. , p. 116 .
- (91) - Op. cit., p. 117 .
- (92) - Op. cit., pp.118e 119 .
- (93) - Op. cit., p. 119
- (94) - Op. cit., p.123
- (95) - Op. Cit., p. 125 . Note-se que leão verde corresponde a vitriolo verde, em Alquimia .
- (96) - Op. cit. , p.130 .
- (97) - Op. cit., p. 138 .

Paracelso e a Iatroquímica

- (1) - O. Temkin - " Karl Sudhoff, the rediscoverer of Paracelsus " - Bulletin of the Institute of the History of Medicine , vol. 2, 1934, nº 1, p. 16 .
- (2) S. F. Mason - História da ciência, p. 185
- (3) - H. M. Pachter - Paracelso, de la magia a la ciencia,
- (4) - W. Pagel - Paracelso , p. 38 e sg.
- (5) - R. ^Multhauf - "Distillation in Renaissance Medical Chemistry " . Bulletin of the Institute of the Histo-

ry of Medicine , 1956, p. 333 .

- (6) - H. M. Pachter - Op. cit. , p. 158 .
- (7) - R. Allendy - Paracelse, le médecin maudit , p.192
- (8) - A. Mieli - Panorama general de la Historia de la ciência , vol. VI, La ciencia del Renacimiento, p. 152 .
- (9) - Idem , ibidem , p. 154 .
- (10) - Idem , ibidem , p. 155 .
- (11) - Idem , ibidem , p. cit.

Conclusão

- (1) - L. Febvre - El problema de la incredulidad en el siglo XVI. p. 382 : V. também M. Daumas . Histoire de la science , p. 392 e sg.
- (2) - G. Bachelard - La formation de l'esprit scientifique - que, p. 73 e sg .
- (3) - E. Cassirer - Individuo Y cosmos en la filosofia del Renacimiento , pp. 80e 81 . Cassirer levanta problema da limitação da lingua em Nicolas de Cusa e chama a atenção para a tese de Humboldt : a linguaagem não se limita a segu o ensamento, mas constitui um momento essencial d rmação do pensamento mesmo .
- (4) - Apud - H. M. Pachter, Op. cit. , p. 77 .

BIBLIOGRAFIA

I - FONTES

- PARACELSE Oeuvres médicales . Paris, Presses Universitaires de France (1968)
Tradução do alemão de Bernard Gorceix
Conteúdo :
- " As sete defesas, respostas a algumas infâmias de seus detratores"
- "O livro Paragranum"
- "Sobre a Epilepsia"
- "Sobre a doença da montanha e outras doenças semelhantes"
- "Os 5 livros sobre as doenças invisíveis e suas causas".
- PARACELSO Obras completas . 2ª edição . Buenos Aires, Editorial Schapire (1965)
Tradução do latim de Estanislao Lluesma - Uranga .
Conteúdo :
"Volume Paramirum" (primeiro)
- Opus Paramirum" (segundo)
- PARACELSUS Selected writings . Londres, Routledge & Kegan Paul Ltd. (1951)
Editado por Yolande Jacobi
Tradução do alemão de Norbert Guterman .

PARACELSUS Four treatises . Baltimore, The Johns Hopkins
ess (1941)

Editado por H. E. Sigerist

Conteúdo :

- "As sete defesas" - Tradução do alemão de
C. L. Tamkin

- "Sôbre a enfermidade dos mineiros e outras
doenças dos mineiros" . Tradução do ale-
mão de G. Rosen

"As doenças que privam o homem de sua ra
zão, como a dança de S. Vito, epilepsia ,
melancolia e demência, e seu tratamento
correto" . Tradução do alemão de G. Zil
boorg

- "Um livro sôbre Ninfas, Silfos, Anões, e
Salamandras, e sôbre os outros espíritos.
Tradução do alemão de H. E. Sigerist.

PARACELSE Les sept livres de l'Archidoxe magique. Pa-
ris, Èditions Niclaus (1960)
Tradução do latim de M. Haven.

II - BIBLIOGRAFIA SÔBRE PARACELSO

- ALLENDY, René - Paracelse, le médecin maudit . 4ª edição,
Paris, Ed. Gallimard (1937)
- BECHTEL, Guy - Paracelse .Paris, Editado por Louis Pau
wels (1970)
- DELGADO, Honório- Paracelso . Buenos Aires, Editorial Lou
sada S.A. (1947)
- DE SANTILLANA, - The age of adventure . The Renaissance phi
Giorgio losophers, selected, with introduction and
interpretative commentary . New York, The
New American Library (1956)
- DE TELEPNEF, - Paracelso . trad. esp. Buenos Aires, Íbero
Basilio Americana (1948)
- HALL, Manly P. The mystical and medical philosophy of Pa
racelsus - Los Angeles, The philosophical
research society, Inc. (1964)
- HOLMYARD, E.J. - Alchemy . 2ª edição, Grã-Bretanha, Penguin
Books (1968)
- JUNG, Carl J. - Realidad del alma . trad. esp. 4ª edição .
Buenos Aires, Editorial Lousada S.A.(1968)
- KOYRÉ, Mystiques, spirituels, alchimistes du XVII^e
Alexandre siècle allemand . Paris, Éd. Gallimard
(1971)
- MIOTTO , Paracelso, médico e mago . Milano, Ferro
Antonio Edizioni (1971)

- PACHTER, Henry M. Paracelso, de la magia a la ciencia
trad. esp., 2ª edição . México D.F.,
Biografías Ganesa . (1960)
- PAGEL, Walter Paracelse , trad. francesa . França,
Ed. B. Arthaud (1963).
- WHITESIDE, Beatrice ; HUTIN, Serge e CATTAUI, Georges -
Paracelse L'homme - Le médecin -L Al
chimiste. Paris, Ed. La Table Ronde
(1966)

I - BIBLIOGRAFIA GERAL

- AFNAN, S. F. - El pensamiento de Avicena - trad. esp. México, Fondo de cultura económica (1965)
- BACHELARD, Gaston - La formation de la pensée scientifique 7ª edição, Paris, Librairie philosophique - J. Vrin (1970)
- BERNAL, John D. - Historia social de la ciencia - 2 vols. trad, esp. 2ª edição . Barcelona, Ediciones Península (1968)
- BURCKHARDT, Titus - L'alchimie, science et sagesse , trad. francesa, Paris, Ed. Planète
- CASSIRER, Ernest - Individuo y cosmos en la filosofía del Renacimiento , trad. esp. Buenos Aires, Emecé Editores S.A.
- CASTIGLIONI, Arturo - História da Medicina , 2 volumes, trad. port. S. Paulo, Companhia Editora Nacional (1947)
- CHOCHOD, Luis - Histoire de la magie , Paris, Ed. Payot (1971)
- CROMBIE, A.C. - Augustine to Galileo - The History of science A.D. 400-1650 - 2ª ed. Londres, William Heinemann Ltd. (1957)
- DAUMAS, Maurice - Histoire de la science . Paris, Enciclopédie de la Pléiade , Librairie Gallimard (1957)

- DELUMEAU, - La civilization de la Renaissance, Paris, Arthaud (1967)
- DILTHEY, Wilhelm - Hombre y mundo en los siglos XVI y XVII trad. esp. México, Fondo de cultura economica (1944)
- DONNE, John - The complete poetry and selected prose , New York, The modern library (1952)
- DUPOUY, E. - Le moyen âge Médical . Paris, Société d'éditions scientifiques (1895)
- ELIADE, Mircea - Forgérons et alchimistes . Paris , Ed. Flammarion (1956)
- ENRIQUES, F. e - Pequena história do pensamento científico
DE SANTILLANA, G.- fico . trad. port. Rio de Janeiro, Casa Editora Vecchi Ltda. (1940)
- FARRINGTON , Benjamin - A ciência grega . trad. port. São Paulo, Ibrasa (1961)
- FEBVRE, Lucien - El problema de la incredulidad en el siglo XVI . trad. esp. México, Uteha (1959)
- GALENO - Obras - trad. esp. de R.P. Julio B. Lafont e Anibal R. Moreno - La Plata (1947)
- GOLLAN, Josué - La alquimia - Santa Fé - Argentina, Libreria y Editorial Castellvi S.A.(1956)
- HIPPOCRATES - Oeuvres complètes , 10 vols. - trad. fr. de É. Littré, Paris, J.B. Baillièrre (1849)

- HUTIN, Serge - Histoire de l'alchimie ' Vervies, Ed. Gerard & Co - Collection Marabout Université (1971)
- HUTIN, Serge - A Alquimia , tad. port. Lisboa, Livros do Brasil
- JUNG, Carl G. - Psicología Y Alquimia . trad. esp. Buenos Aires, Santiago Rueda Editor (1957)
- KIRK, G. S. e - Los filósofos presocráticos . Historia
RAVEN J. E. critica con seleccion de textos . trad. esp. Madrid, Editorial Gredos S.A. (1968)
- KRISTELLER, P.O. - Ocho filósofos del Renacimiento Italia-
no . trad. esp. México, Fondo de cultu-
ra Economica (1970)
- LAIGNEL - - Histoire générale de la médecine, de la
LAVANTINE pharmacie, de l'art dentaire et de l'ar-
te vétérinaire , 3 vols. Paris, Albin
Michel Éditeurs (1936)
- LE GOFF, Jacques - Los intelectuales de la Edad Media , trad
esp. Buenos Aires, Eudeba (1965)
- MASON, S.F. - História da ciência . trad. port. Porto
Alegre, Ed. Globo (1962)
- McINTOSH, - The astrologers and their creed . Londres,
Christopher Arrow Books Ltd (1971)
- MONDOLFO, Rodolfo - O pensamento antigo . 2 vls. São Paulo,
Ed. Mestre Jou (1964-65)

- MOUSNIER, Roland - Os seculos XVI e XVII, vol.IV da História Geral das civilizações, publicada por Maurice Crouzet . trad. port S. Paulo, Difusão Européia do Livro (1967)
- PLATÃO - Obras completas . trad. esp., 2ª ed . Madrid, Ed. Aguilar (1969)
- RANDALL JR, John H. - The making of the modern mind . Estados Unidos, Houghton Mifflin Company (1968)
- SADOUL, Jacques - Le trésor des alchimistes . Paris, Éditions j'ai lu (1970)
- SARTON, George - Historia de la ciencia - 2 vls. trad. esp. Buenos Aires, Eudeba (1965)
- SELIGMANN, Kurt - Le miroir de la Magie . trad. fr. Paris, Éditions du Sagittaire (1961)
- SIGERIST, H. E. - Civilization and Disease . New York , Cornell University . Press (1944)
- SINGER, Charles - From magic to science . New York, Dover Publications (1958)
- TATON, René - História Geral das ciências, trad. Tomos 1 e 2, 6 vols. São Paulo , Difusão Européia do Livro (1959)
- TAYLOR, F. Sherwood - La alquimia y los alquimistas trad. esp.. Barcelona , Editorial AHR (1954)

- TEIXEIRA, Lívio - Nicolau de Cusa . São Paulo, Coleção da Revista de História (1951)
- WEBER, Alfred - História sociológica da cultura. trad. port. Lisboa, Ed. Arcádia .
- WOLFF, A. - A History of science, technology and philosophy in the 16th and 17th centuries, 2vls. Londres, George Allen & Unwin Ltd (1968)
- MIELI, Aldo - Panorama general de Historia de la Ciencia . vol. VI : La ciencia del Renacimiento, Astronomía, Física y Biología por Desidério Papp y Jose Babini. Buenos Aires, Espasa Calpe Argentina S.A. (1952)

IV - REVISTAS

- ANNALES DE HISTORIA ANTIGUA Y MEDIEVAL
Universidade de Buenos Aires .
- BULLETIN OF THE INSTITUTE OF THE HISTORY OF MEDICINE - The Johns Hopkins University
- JOURNAL OF HISTORY OF IDEAS

Índice

<u>Introdução</u>	1
<u>Esbôço biográfico</u>	3
<u>A Medicina, da Antiguidade Clássica até a Renascença</u> ...	3
<u>A Obra de Paracelso</u>	34
I O homem e a Natureza na obra de Paracelso	3
II O problema do conhecimento	55
A obra médico-patológica de Paracelso	6
1 - As bases da Medicina	72
2 - A Patologia	78
3 - A Terapêutica	82
4 - Apêndice - A teoria médica posta em prática ...	104
<u>Paracelso e a Iatroquímica</u>	114
<u>Conclusão</u>	119
<u>Notas</u>	124
<u>Bibliografia</u>	129